

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ELLEN TEREZINHA SILVA QUEIROZ

**A VIAGEM EM BUSCA DO OUTRO E O ENCONTRO DE SI EM “ON THE ROAD”,
DE JACK KEROUAC, E “ONDE ANDARÁ DULCE VEIGA?”, DE CAIO
FERNANDO ABREU**

PORTO ALEGRE – RS

2014

ELLEN TEREZINHA SILVA QUEIROZ

**A VIAGEM EM BUSCA DO OUTRO E O ENCONTRO DE SI EM “ON
THE ROAD”, DE JACK KEROUAC, E “ONDE ANDARÁ DULCE
VEIGA?”, DE CAIO FERNANDO ABREU**

Trabalho de Conclusão junto ao Curso de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
na área de Literatura Comparada, como requisito
à obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE – RS

2014

ELLEN TEREZINHA SILVA QUEIROZ

**A VIAGEM EM BUSCA DO OUTRO E O ENCONTRO DE SI EM “ON
THE ROAD”, DE JACK KEROUAC, E “ONDE ANDARÁ DULCE
VEIGA?”, DE CAIO FERNANDO ABREU**

Trabalho de Conclusão junto ao Curso de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
na área de Literatura Comparada, como requisito
à obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Ivana de Lima e Silva

BANCA EXAMINADORA

Orientadora – Prof.^a Dr.^a Márcia Ivana de Lima e Silva

Dr. Pedro Gonzaga

Ms. Maurício dos Santos Gomes

Àqueles que abriram os meus olhos, libertaram o meu espírito e despertaram em mim o amor pelas palavras e pela estrada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de prestar meus agradecimentos às pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho e do curso de graduação:

Primeiramente (e sempre primeiramente), aos meus amados pais, Maria José Silva Queiroz e Sergio Roberto Queiroz, que muito ajudaram (e ajudam) no processo de construção de quem eu sou e que sempre me apoiaram e incentivaram, qualquer que tenham sido os meus sonhos e meus obstáculos. Também agradeço a eles por compreenderem minha necessidade do mundo e nunca me impedirem de colocar a mochila nas costas e ir.

Aos familiares, agradeço o amor, o companheirismo, a ajuda quando eu e meus pais precisamos, os domingos de churrasco e descontração. Os momentos com vocês fazem de mim uma pessoa realizada.

Aos amigos que fiz (dentro e fora da universidade) durante minha trajetória acadêmica, obrigada por tudo que aprendemos e ensinamos uns aos outros, por todas as palavras que dissemos e que ouvimos, por todas as bebidas, ideologias e dúvidas existenciais que compartilhamos em mesas de bar, por todos os trabalhos, e provas, e apresentações que, mesmo não estando sempre juntos, nos ajudamos, e por todas as declarações de amor que nos fizemos. Eu não imagino esses cinco anos sem vocês ao meu lado.

À minha orientadora Márcia Ivana de Lima e Silva, pela oportunidade e apoio na realização deste trabalho e pelas sugestões e incentivos no pouco tempo que lhe coube.

A todos aqueles professores (não apenas da universidade) que não só me ensinaram, mas me fizeram querer ser tão boa quanto eles e me inspiraram com seus ideais e seus sonhos de uma educação melhor. Obrigada pela oportunidade de trabalhar com vocês e de participar de alguns de seus projetos, pelo incentivo quando eu achei que não era capaz, pelos recados prestativos nas provas, pelas histórias contadas nas aulas, pelos comentários elogiosos quanto à minha escrita acadêmica e, principalmente, pela crença na minha escrita literária como algo a se fazer no futuro. Obrigada por me fazerem acreditar em uma educação que liberta.

RESUMO

Trata-se de um estudo dos romances *Onde andará Dulce Veiga?*, do brasileiro Caio Fernando Abreu, e *On the Road*, do norte-americano Jack Kerouac, cujas vidas e obras vieram a representar a insatisfação social e a ser objetos de mitificação de duas gerações muito parecidas em seus anseios e desilusões. As décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, e as de 70 e 80, no Brasil, foram marcadas para sempre pela revolução de formas e estilos de escrever e de viver, muitas vezes, influenciadas pelo ato de viajar. A partir disso, esta leitura, guiada pelas teorias da Antropologia Filosófica e pela esquematização de John Urry da viagem de peregrinação, consiste em uma análise do encontro consigo mesmo como consequência da viagem motivada pela busca do outro por parte dos personagens principais das duas narrativas.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; Geração Beat; Jack Kerouac; Literatura de Viagem.

ABSTRACT

This is a study of the novels *Onde andar Dulce Veiga?*, written by the Brazilian Caio Fernando Abreu, and *On the Road*, written by the American Jack Kerouac, whose lives and works have come to represent the social dissatisfaction and to be objects of mystification in two generations very similar in their desires and disappointments. The 50s and 60s in the United States, and 70s and 80s in Brazil have been marked forever by the revolution of forms and styles of writing and living, often influenced by the act of traveling. From this, this reading, guided by theories of Philosophical Anthropology and the John Urry's layout of the pilgrimage trip, consists of an analysis of the encounter with oneself as a result of a trip motivated by the pursuit of the other by the main characters of both narratives.

Keywords: Beat Generation; Caio Fernando Abreu; Jack Kerouac; Travel Writing.

SUMÁRIO

COMEÇO DE VIAGEM: NOTAS INTRODUTÓRIAS	9
1. A AMÉRICA DO PÓS-GUERRA E O BRASIL PÓS-DITADURA MILITAR	11
1.1 OS ANOS 1950 E O SURGIMENTO DOS BEATS	11
1.2 Os ANOS 1980: A DÉCADA DA HETEROGENEIDADE	13
2. LITERATURA DE VIAGEM E A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA	14
3. A VIAGEM COMO UMA PEREGRINAÇÃO	18
3.1 A BUSCA DO OUTRO COMO MOTIVAÇÃO DA VIAGEM	19
3.2 A DESTERRITORIALIZAÇÃO, AS PEQUENAS DESCOBERTAS E A RELAÇÃO COMUNITÁRIA NA ESTRADA	21-22
3.2.1 On the Road	22
3.2.2 Onde andaré Dulce Veiga?	36
FIM DE VIAGEM: O ENCONTRO DE SI	44
REFERÊNCIAS	48

COMEÇO DE VIAGEM: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este trabalho procura apresentar uma análise das obras *On the Road*, de Jack Kerouac, e *Onde andará Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, em conexão com a questão da busca do outro e do conseqüente encontro consigo, dando relevância às reflexões dos protagonistas e da trajetória enquanto viagem. A escolha de pesquisar acerca do romance de Jack Kerouac é, principalmente, pelo fato de que é um autor ainda pouco explorado no âmbito acadêmico brasileiro e de que, mesmo com a sua riqueza de temas como humanismo, vícios, sexo e amor, espiritualidade, esperança versus realidade, busca e arte, suas obras não recebem tanta atenção quanto eu suponho que mereçam. É importante notar que, nos Estados Unidos, a Geração Beat sempre foi muito abordada em trabalhos acadêmicos, mas, no Brasil, a partir dos anos 1990, o interesse que existia nos anos 70 e 80, simplesmente, despencou e se tornou muito distante dos estudantes de Letras. Quanto à escolha de trabalhar Caio Fernando Abreu, se deve, para além do meu fascínio pelo homem e da minha gratidão por ele ter escrito tudo que escreveu, à recorrente e forte percepção da existência de algumas semelhanças entre os dois autores, principalmente na escrita revolucionária e na busca incessante pelo pertencimento e pelo amor. Formalidades à parte, também foram escolhidos pela simples vontade de fazer uma pesquisa acerca de autores, livros e momentos histórico-culturais tão pouco abordados no ambiente acadêmico, mas tão estimados por mim e incrível e definitivamente influentes em minha formação pessoal.

Com este trabalho, pretendo analisar as viagens dos dois principais personagens dos romances a fim de provar o autoconhecimento (sendo esse, para mim, um processo pelo qual se adquire a capacidade de se ter uma profunda consciência de quem se é) advindo de tais experiências. Expondo não somente as obras, mas também um pouco das vidas ou das épocas de Jack Kerouac e Caio Fernando Abreu, é possível abordar um período de, pelo menos, 40 anos de revoluções históricas, culturais e estéticas nos Estados Unidos e no Brasil, demonstrando por que tais escritores se tornaram (e ainda são) tão mitificados por gerações e gerações.

Para tanto, este TCC está dividido em quatro partes. A primeira apresenta uma breve contextualização histórica das décadas de publicação das obras, a fim de demonstrar a influência dos fatos históricos no surgimento da geração Beat nos Estados Unidos e da heterogeneidade da literatura pós-moderna no Brasil. A segunda se limita a demonstrar as transformações pelas quais passou a Literatura de Viagem ao longo do tempo e a relacionar o

viajante e a viagem contemporânea às teorias da Antropologia Filosófica, cujo objeto de estudo é o homem, e o objetivo é compreendê-lo em todas as suas complexidades e fazê-lo entender que apenas o sair de si, a reflexão e o ato de interrogar-se o levarão à fabulosa consciência de quem ele realmente é, tornando-o, assim, capaz de compreender também todas as coisas do mundo. A terceira parte cuida da relação da viagem contemporânea com a viagem de peregrinação e se propõe a mostrar a trajetória dos protagonistas das obras escolhidas relacionando-a com a esquematização do ato de peregrinar feita pelo sociólogo britânico John Urry. Ela se subdivide em duas seções. A primeira trata da busca do outro por parte do viajante como motivo catalisador da viagem. A segunda relata as jornadas dos personagens relacionadas aos dois primeiros elementos do peregrinar: desterritorialização espacial e social e integração com outros viajantes, ambos sendo, de forma definitiva, responsáveis pelo processo de transformação do viajante. A quarta e última parte aborda a terceira fração da esquematização de Urry (o retorno ao local de origem, a reflexão, a compreensão e o relato), demonstrando os regressos, as interrogações inevitavelmente advindas deles ou feitas durante a viagem e os seus consequentes encontros com um outro que são eles mesmos.

Deste modo, espero que consiga demonstrar as mudanças pelas quais a Literatura de Viagem e o viajante-escritor passaram e, através da análise das obras trabalhadas, provar que uma viagem, seja ela realizada pelo motivo que for, não apenas pela busca do outro, sempre poderá revelar um eu que nós não conhecíamos. Além disso, também espero mostrar que a busca, a desterritorialização advinda da trajetória e as indagações do retorno fazem parte de um processo pelo qual todo viajante passa, e que, se ele estiver atento e aberto às surpreendentes imprevisibilidades da estrada, serão tais vivências que abrirão seus olhos e o levarão a questionamentos acerca de si mesmo e do mundo ao seu redor e à sua consequente compreensão.

...as únicas pessoas que me interessam são os loucos, os que estão loucos para viver, loucos para falar, que querem tudo ao mesmo tempo, aqueles que nunca bocejam ou falam chavões... mas queimam, queimam, queimam como fogos de artifício pela noite.

(Jack Kerouac)

1. A América do Pós-Guerra e o Brasil Pós-Ditadura Militar

1.1 Os anos 1950 e o surgimento dos beats

No final de uma grande guerra, o poder. Assim se iniciou a hegemonia dos Estados Unidos sobre o mundo. Vitorioso, o país americano saiu da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) como a maior força militar do planeta, com a economia mais próspera e com a sociedade mais conservadora e materialista. Era o tempo do *boom* econômico, dos carros novos e dos bens de consumo mais acessíveis do que nunca se viu na América. Era o tempo de construção de rodovias interestaduais e de escolas, de taxas de inflação e desemprego baixos e altos salários. Mas, depois de uma guerra, também vem uma nova consciência, uma outra que não é hipócrita, nem cega, e que vem para perturbar a ordem e fazer o mundo inteiro ouvir. “Eu tenho um sonho”, disse Martin Luther King Jr., em agosto de 1963, em seu famoso discurso na luta pelos direitos civis dos negros (contra o racismo e a segregação), luta que atingiu seu auge nos anos 1950. Em algum lugar daquele imenso país, anos antes, algum poeta também disse. O sonho: uma literatura livre de convenções, livre de censura, livre de sentido, com um novo ritmo e que fosse capaz de expressar uma nova visão. O pós-guerra também foi, portanto, uma era de conflito. De um lado, os conservadores, e de outro, os antissegregacionistas e os poetas e escritores de uma geração (termo utilizado tanto no sentido de movimento artístico e cultural, quanto no sentido de grupo de pessoas que vivem/viveram na mesma época) que influenciaria todas as outras, americanas ou não.

Nos anos 1950, os jovens começaram a se sentir incompatíveis com outros grupos já existentes. Houve uma procura por identidade, uma personalidade que abrangesse tudo aquilo que eles queriam ser e fazer. Então, eles compraram carros, passaram a frequentar *fast-foods* e cinemas em *drive-in* e a escutar *rock and roll*, mas, nos subúrbios, outro tipo de jovens rebeldes se reunia, jovens boêmios, inquietos e inconformados com a hipocrisia da sociedade e a normalidade dos tempos. Essa atitude e esses sentimentos fizeram com que eles

decidiram desafiar a cultura dominante, tanto social como literariamente. Criando um mundo recheado com poesia sem rima e métrica, prosa sem vírgulas e novos parágrafos, sexo, drogas, álcool e *be bop* (uma das vertentes do *jazz* baseada em andamentos rápidos e improvisação), eles abandonaram os ambientes institucionais e domésticos, abraçaram a marginalidade (no sentido de “à margem” e, algumas vezes, no sentido de “delinquência”) e viajaram por toda a América levantando o dedo em busca da felicidade, de uma crença, da experiência autêntica de se sentir vivo e da revelação pessoal. É certo que, assim como os primeiros, eles estavam longe da revolução social no sentido que, por exemplo, os jovens negros buscavam, mas iniciaram uma revolução cultural que libertaria a arte americana das prisões das formas (do verso engessado, passaram a fazer verso livre, muito próximo da prosa, e a utilizarem uma linguagem que não se preocupava com ortografias e pontuações), do ritmo (do uso da métrica do poema, passaram a utilizar o compasso do *be bop*) e da censura do Macartismo (política anticomunista e antiesquerdista que também atingiu as manifestações artísticas, e os beats eram claramente esquerdistas, tendendo à anarquia). Nascia, então, a Geração Beat (nome advindo de batida ou de beatitude).

Depois de muitos anos escrevendo e de noites regadas a benzedrina (nome comercial de uma das variantes da anfetamina) e outras drogas, os escritores do ainda estranho movimento, conseguiram, pouco a pouco, a tão sonhada publicação. A primeira obra de sucesso sobre a Geração Beat e seu modo de viver foi *Go* (1952), do romancista John Clellon Holmes, que era mais observador do que participante ativo do grupo. O autor acabou sendo convidado pelo jornal *The New York Times* para escrever um ensaio sobre os beats. Nomeado *This Is The Beat Generation* (1952), o ensaio teve alcance internacional e, a partir de então, a cena beat eclodiu de vez (Cf. BIVAR, 2004). Nos anos seguintes, foram publicados *Junky* (1953), de William Burroughs, e *Howl* (1956), de Allen Ginsberg, obra que causou grande escândalo, foi processada por obscenidade e vendeu milhares de exemplares (Id., 2004). Por fim, depois de dez anos de espera, de incontáveis frustrações e de um sentimento latente de injustiça enquanto via seus amigos se tornando escritores de verdade com obras de sucesso, chegou a vez de Jean-Baptiste Kérouac e de sua mais famosa história, *On the Road* (1957). Apesar de uma primeira crítica entusiasmada vinda do mesmo jornal que elogiou John Clellon Holmes, o que se seguiu foi uma avalanche de críticas advindas da incompreensão do estilo de Kerouac, uma prosa que diziam ser sem enredo, sem reflexões, apenas palavras em meio a poucas vírgulas e falta de acentos. Mas o que a imprensa não havia aprendido era que quanto

mais ela criticava, mais as obras beats vendiam. *On the Road* fez um sucesso estrondoso, e, em poucas semanas, Jack Kerouac (como viria a ser mundialmente conhecido) virou celebridade (Id., 2004). O que ninguém suspeitava era que essa narrativa baseada nas viagens de um grupo louco de amigos, com estilo nascido da busca pela fidelidade, na escrita, à velocidade que as palavras surgem na mente (fluxo de consciência), se tornaria um dos livros mais estudados e cultuados do século XX, servindo de catalisador para o movimento hippie e a contracultura dos anos 1960 e o movimento *punk* dos anos 1970 e influenciando gerações de escritores, como Caio Fernando Abreu, e de cantores, como Bob Dylan e os Beatles (*Beat + les*).

1.2 Os anos 1980: a década da heterogeneidade

Com a morte de John Lennon, em 1980, o sonho de uma juventude que tentou mudar o mundo com a máxima “faça amor, não faça guerra” foi dado como acabado, mas, no Brasil, o que estava prestes a acabar era o pesadelo, o longo e controverso pesadelo da Ditadura Militar (1964-1985). O milagre econômico chegava ao seu fim, manifestações populares, greves gerais e paralisações aconteciam por toda parte, o desemprego e a inflação aumentavam de forma assustadora, o movimento “Diretas Já” se fortalecia, notícias de um ainda incompreendido vírus chegavam com alarde, a censura ia diminuindo e, depois de muito tempo de espera, o que se aproximava era, finalmente, a democracia. Um novo presidente (Tancredo Neves – eleito indiretamente, faleceu antes da posse; José Sarney – vice de Tancredo, assumiu o governo) chega ao poder e uma nova e mais liberal constituição (1988) é promulgada. As roupas mudam, a música surge de todos os lugares do país e a literatura se liberta para contar o que quer contar e não mais apenas o que é permitido contar. Começava, então, uma expansão da cultura de massa (também denominada cultura pop ou cultura popular) , que possibilitou, nos anos 1980, o aumento da força, no Brasil, da literatura também chamada “pop” (ou “marginal”, enquadramento bastante restrito dado à ela por diversos críticos e pela historiografia literária brasileira).

Influenciada pela cultura de massa e pela sociedade de consumo, focada em uma temática essencialmente urbana, com personagens marginalizadas por fatores que não necessariamente os econômicos e sociais, e em busca de estilos pessoais e novas técnicas narrativas, a literatura dos anos 1980 se dispôs a retratar a sociedade brasileira da época através de tipos humanos marginalizados antes nunca retratados na ficção, sua linguagem

direta, muitas vezes violenta, cheia de representações alegóricas, gírias e estrangeirismos, seu comportamento crítico, às vezes agressivo, e, principalmente, seu ponto de vista acerca do mundo, um ponto de vista desiludido e ressentido de quem está à margem. Disto tudo, advêm temas como as multi-facetadas do universo pessoal de cada ser, o sentimento permanente de não-pertencimento do indivíduo e o corpo e o erotismo, quase sempre abordados com o intuito de contestar, de criticar, e de deixar claras posições acerca de tópicos tabus bastante discutidos na época e ainda hoje, produzindo, assim, novos sentidos políticos.

Como uma década bastante heterogênea, surgiram diversos gêneros, estilos e temáticas dentro da literatura pop. Dentre eles, o gênero policial (bastante explorado por Rubem Fonseca através de sua demonstração dos efeitos da violência urbana no indivíduo e na sociedade), os temas metafísicos privilegiando a sexualidade e abordados através do fluxo de consciência (trabalhados pela escritora Hilda Hilst e por João Gilberto Noll), a identidade brasileira (investigada por João Ubaldo Ribeiro), a poesia inspirada em técnicas concretistas (que continuou sendo produzida por autores como Haroldo Campos e Paulo Leminski) e o romance urbano de inflexões intimistas, ao qual se dedicou Caio Fernando Abreu, gaúcho de Santiago do Boqueirão e, involuntariamente, considerado a voz de uma geração, geração essa que se identificava com sua forma intensa e sua capacidade de transformar suas dores (ou as dores humanas) em grandes textos (Cf. CALLEGARI, 2008). Foi nos anos 1980, que Caio ganhou ainda mais notoriedade no mundo literário e elevou o nível de sua obra, retratando de forma muito efetiva os tempos vividos e a sociedade da qual fazia parte. Em 1982, seu livro *Morangos Mofados* foi publicado e fez o maior sucesso crítico e de público já visto por ele. Se tornou clássico e foi chamado de “o retrato de uma geração”.

2. Literatura de Viagem e a Antropologia Filosófica

Desbravar, interagir, entrar em contato com pessoas e com a natureza sempre fez parte da constituição do ser humano. A partir disso, aprendemos a nos relacionar e a buscar, conseqüentemente, nosso lugar no mundo. Depois de um tempo, isso passou do plano real para o plano literário, onde viajantes começaram a contar suas odisseias, dando forma aos relatos de suas trajetórias (muitas vezes não-ficcionais) alternando “descrições da terra (...) com descrições do homem – aspecto físico, usos e costumes ou organização social” (GOMES, 2003), fazendo surgir, assim, um gênero chamado Literatura de Viagem, que, desde os seus primórdios, vem se utilizando de características de outros gêneros – relato, carta, poema

épico, etc – e se associando à historiografia. Com o tempo, passou a explorar também temas como a procura (seja ela qual for), o não-pertencimento, a sexualidade e a viagem interna do viajante.

A literatura de viagem, através do olhar estrangeiro do viajante, une exploração, aventura, aprimoramento e objetividade científica, observação, impressões e representações, constituindo-se um tipo único de escrito (Leite, 1996, p. 101). Os livros de viagens são vistos, portanto, como um gênero próprio, produtor de representações sociais, condicionadas a um tipo de experiência específica, a viagem, e não como sendo exclusivamente um documento histórico, literário, ficcional ou científico, mas muitas vezes reunindo todos estes estilos ao mesmo tempo. Concomitante a multiplicidade de sentidos, os relatos de viagem apresentam, de um lado, certa homogeneidade no que se refere à forma estética escolhida para apresentar as informações, e por outro lado, apresentam grande diversidade no que se refere às condições de produção. Pertencem, portanto, a um gênero específico, justificado pelo fato de seus aspectos serem comuns à maior parte deles. (SECO, 2006)

Em um breve panorama histórico, depois do cânone ocidental *Odisseia*, de Homero, da Antiguidade Clássica, da escrita das lendas do Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda (*A Demanda do Santo Graal*), e dos chineses e dos muçulmanos peregrinarem pela Ásia e pela África escrevendo acerca de suas experiências durante a Era Pós-Clássica (476 D.C. – 1500 D.C.), os primeiros escritos significativos de mercadores, missionários e peregrinos surgiram no século 13, sendo um dos principais o relato do comerciante e desbravador italiano Marco Polo que se popularizou no final da Idade Média por ser uma das únicas fontes acerca das riquezas, belezas e cultura asiática no Ocidente. No início da Era Moderna (1500 – 1800), os europeus começaram a dominar o mundo, chegando em terras nunca antes vistas (interior da África e Américas) e descrevendo detalhadamente sua gente e seus costumes, despertando, cada vez mais, a curiosidade de seu povo acerca do distante, do desconhecido, do estrangeiro. Duas das principais obras desse período foram *Dom Quijote de la Mancha* (1605), do escritor espanhol Miguel de Cervantes, que conta a história de um homem de meia-idade que, após ler muitos romances, decide viajar pelo mundo vivendo seu próprio romance de cavalaria; e o *The Principall Navigations, Voiages, and Discoveries of the English Nation* (1589), do geógrafo, historiador e diplomata inglês Richard Hakluyt, que conta, praticamente, tudo sobre o início da expansão marítima inglesa rumo à América do Norte. Outras obras que muito se destacam são a *Carta do Descobrimento do Brasil* (1500),

escrita pelo escritor português Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel I acerca da conquista da armada de Pedro Álvares Cabral, explorador e comandante militar; e *Peregrinação* (1614), do aventureiro, também português, Fernão Mendes Pinto, que conta sua própria jornada pelo Oriente. Nessa época, também, “jovens aristocratas britânicos”, como forma mais eficaz de encerrar seus processos de aprendizagem, começaram a viajar, com seus mentores, em excursões de longa duração com o simples objetivo de entrar em contato com a mundanidade da vida (Cf. ROMANO, 2013) antes de se iniciarem na vida adulta. Pessoas abastadas também tornaram popular os retiros de verão, viajando por um curto tempo para os destinos litorâneos mais próximos (Id., 2013).

Com as conquistas da Revolução Francesa (1789 – 1799), houve a implantação e a consolidação do capitalismo, que, dentre tantos avanços, possibilitou o desenvolvimento dos meios de transporte de massa, o surgimento dos hotéis de turismo e a construção das estradas de ferro, facilitando e multiplicando, conseqüentemente, a transposição de longas distâncias. A partir disso, a Idade Contemporânea viu um aumento estrondoso na quantidade de viagens e de obras tratando do tema, mas, mais do que jornadas por motivos de trabalho, peregrinação ou conquista, passou-se a viajar também por lazer. O turismo, aquele guiado com roteiro pré-determinado, foi se tornando e ainda é uma das áreas mais produtivas da economia mundial e uma das principais escolhas para fugir da rotina de trabalho intenso imposta pela sociedade capitalista. Criou-se um modelo de viagem que imitava o antigo, mas eliminava os riscos, visava o conforto e preservava a distância do viajante em relação ao outro (Id., 2013). Em seguida, surgiu o automóvel e o avião. Era possível estar em outro país em questão de horas, passou-se a dar mais valor ao destino do que à trajetória, visto que a rapidez foi ganhando cada vez mais adeptos. A câmera fotográfica portátil (1888), segundo Luís Antonio Contatori Romano, foi o último invento a consolidar a “banalização da viagem” devido à difusão das imagens, já problematizada pelo alemão Walter Benjamin, em seu ensaio “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica” (1936), quando ele diz que reproduzir algo é copiar o real, é perder a essência, a aura do real. A partir daquele momento, todos podiam viajar, tudo podia ser fotografado e não havia mais novidade nos relatos. Outro problema encontrado por Romano é o fato de os turistas não só fugirem do contato com o outro, mas também de levarem, ao lugar que visitam, elementos da sociedade à qual pertencem e de fazerem de sua estadia um processo capitalista ao se utilizar de itinerários extremamente rígidos, seguindo de uma atração para a outra como se estivessem em uma corrida contra o tempo.

Apesar de tudo isso (ou apesar do advento do turismo), a literatura de viagem não morreu e pareceu ter se renovado no século XX. Não bastava mais para o ser humano a viagem pela viagem, seguir um guia turístico pelas ruas de Paris ou aproveitar as águas termais de Bath, na Inglaterra. Era preciso voltar às origens, voltar a ser desbravador, vivenciar realidades e não só estar, não só ver. Assim, surgiu outro tipo de viagem e de escritor-viajante (ou viajante-escritor), itinerante de espírito livre e insatisfeito que se libertou das amarras de uma vida planejada, de uma rotina imposta e de valores pré-estabelecidos e saiu em busca de uma experiência autêntica e uma verdade genuína que, para ele, só seria descoberta se colocasse o pé na estrada. Cecília Meirelles, em seu *Crônicas de Viagem* (1999), define bem:

Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada (...).

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e do futuro, um futuro que ele nem conhecerá.

(...)

O viajante olha as ruínas de Roma antiga, e já não pode dar um passo: elas o convidam a ficar, a escutá-las, a entendê-las. (MEIRELLES, 1999, apud MELLO, 2003, p.185)

Esse viajante do qual fala Meirelles, liderado pela americana Geração *Beat*, mudou a literatura de viagem, que não só voltou a despertar a curiosidade das pessoas com sua linguagem poética, mas passou a inspirá-las a, até mesmo, saírem em suas próprias jornadas. Além disso, deixou de ser em sua maioria descritiva e muitas vezes científica ou jornalística, para enquadrar também os protestos sociais e as reflexões de quem viaja, que, nos tempos contemporâneos, acaba saindo de sua zona de conforto em busca de uma vida mais simples, de si mesmo, de um lugar, de alguém, de aventura, de novos aprendizados e até mesmo de uma cura para a alma, encontrando sempre mais do que se poderia imaginar, desde o que procurava até desilusões, identidade nacional e, às vezes, aquilo que o fez fugir. A partir de 1950, relatos de viagem de aventureiros de mochila cargueira (e, talvez, de dedão esticado) se popularizaram tanto devido ao fascínio que causaram e ainda causam nos leitores, que é difícil

estabelecer o limite do que é e o que não é literatura de viagem, principalmente porque a maioria dos trabalhos começaram a ser e são romântica e filosoficamente autobiográficos. Um dos maiores e mais importantes fatores responsáveis por isso é que o viajante passou a não fugir mais do outro, do estrangeiro, do diferente, mas, sim, correr direto ao seu encontro, passando, assim, por um processo interno intenso de autoconhecimento. Um dos princípios da Antropologia Filosófica pode ser utilizado para explicar tal fenômeno visto que determina que quanto mais se sai em busca do outro (mesmo que por pensamento), mais se encontra o próprio eu. Intitulada por Emmanuel Kant, em seu *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1778), essa especificidade da filosofia se preocupa em responder o que é o homem (corpo, alma, ambiente e racionalidade) e entendê-lo a partir de todas as suas complexidades. Para ela, é preciso ir mais fundo que a antropologia - “ciência do biológico e do cultural”, segundo Silvio Mmax (2013) apropriando-se da definição de Marconi & Pressotto (2007) - e refletir acerca da essência do homem, acabando por compreender a sua condição humana (Cf. CARRO, 2008). Para fazer tudo isso, o filósofo Sócrates diz que a busca do homem de uma consciência de si mesmo e de um consequente entendimento para a sua existência deve ser constante. Para ele, não era possível para o ser humano conhecer a natureza sem, primeiro, se conhecer. Só o autoconhecimento (este sendo um processo) levaria o homem ao conhecimento da verdade (Id., 2008). A partir disso, pode-se afirmar que o espírito inquieto dos viajantes, a busca incessante por vivências novas e as reflexões profundas advindas da estrada são grandes estímulos para o questionamento do homem acerca de si mesmo e os principais responsáveis pelo seu próprio encontro.

3. A viagem como uma peregrinação

Desde os tempos mais remotos, o ato de peregrinar implica em uma jornada motivada por algo ou para fazer algo. Mesmo possuindo, a partir do século XIII, razões religiosas, com o passar dos anos, se tornou possível associá-la a outros tipos de viagem, principalmente aos mais contemporâneos, visto que não envolve apenas o caminhar por caminhar (ou o viajar só por viajar), mas, também, um sentido e um valor (diferentes para cada pessoa) que tornam a trajetória, muitas vezes, mais importante que o destino, permitindo que, percorrendo distâncias e intensamente levado a frequentes reflexões, o viajante acabe se autoconstruindo. O sociólogo e professor britânico John Urry, em seu livro *Olhar de Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas* (1990), embora obviamente focado na viagem turística,

divide a viagem de peregrinação de uma forma que pode ser, facilmente, aplicada ao processo de busca (do que quer que seja) e encontro de si dos escritores-viajantes/viajantes-escritores como meio de compreender como ele se dá. Dividido em três partes, o ato de peregrinar, segundo Urry, se caracterizaria, primeiramente, pela desterritorialização social e espacial do indivíduo, ou seja, pela saída dele do lugar onde reside e daquele que ocupa na sociedade, suspendendo os “laços convencionais” (ROMANO, 2013); em segundo lugar, pela “convivência comunitária” (Id., 2013) com outros peregrinos e pela forte possibilidade de sucessivas epifanias, causadas pelas novas vivências e visões (tanto de lugares, quanto de ideias); e, em terceiro lugar, pelos regresso e reintegração ao local de origem, que possibilitam o relato, por parte do viajante, de suas experiências e provocam, quase que inevitavelmente, a finalização do processo de reflexão iniciado durante a viagem e a sua consequente compreensão (Cf. ROMANO, 2013). Desse modo, assim como Urry adaptou tal divisão à experiência do turista, ela também pode ser adaptada aos estilos de viagem apresentados nas obras *On the Road*, de Jack Kerouac, e de *Onde andaré Dulce Veiga?*, do Caio Fernando Abreu, que possuem dois personagens principais cuja motivação para a “peregrinação” é a busca de alguém, que saem de seu lugar de residência e se misturam aos outros viajantes ou apenas passantes. O personagem de Caio tem uma viagem curta e se encontra mais rápido, em pequenas coisas, antes mesmo de voltar para casa, já o de Kerouac ainda retorna, reflete sobre sua trajetória, a relata e a compreende e se encontra. São um ótima mistura da teoria da Antropologia Filosófica e da esquematização do ato de peregrinar criada por John Urry.

3.1 A busca do outro como motivação da viagem

A Geração *Beat* nasceu da busca pelo outro, seja ele uma nova escrita, um novo ideal ou um novo mundo, inspirando todas as gerações que a sucederam. O Jack Kerouac do qual ouvimos falar hoje também passou a vida sempre em busca do outro, no caso, das pessoas loucas que brilhavam como fogos de artifício. *On the Road* se tornou o livro de viagem na estrada mais cultuado, levando milhares para uma jornada semelhante. Nele, Kerouac conta sua trajetória em busca do fogo de artifício mais brilhante de todos que viu explodirem em seu caminho e admite, logo no início de seu relato, que foi por causa dele que sua vida na estrada começou. A motivação maior para a sua “peregrinação” (que durou quase até o fim dos seus dias) se chamava Neal Cassidy, o “estranho Neal Cassidy” (KEROUAC, 2012, p.125), que, mesmo tão jovem quando se conheceram, já havia passado muitas vezes pelo reformatório,

estava casado com uma menina bonita de apenas 16 anos e “era um jovem marginal deslumbrado com a maravilhosa possibilidade de se tornar um verdadeiro intelectual” (Id., 2012, p. 127). Neal queria aprender a escrever com Jack, e este queria ficar perto de sua loucura e de sua coragem de viver porque não se achava possuidor de tais qualidades. A partir dessa situação e desse fascínio inicial, é que surge a profunda dependência de Kerouac em relação a Cassidy, o que, ao longo da jornada, lhe causou muitas decepções porque queria a luz de Neal refletindo apenas em si, mas ele iluminava todo mundo e ninguém ao mesmo tempo. Após se conhecerem em Nova Iorque, quando Neal voltou para Denver, Jack prometeu segui-lo:

Fizemos uma refeição de despedida de feijão com salsichas no Riker's da 7ª avenida, e logo depois Neal entrou no ônibus cujo letreiro dizia Chicago e saiu fora rugindo noite adentro. Prometi a mim mesmo seguir na mesma direção tão logo a Primavera realmente desabrochasse e escancarasse a terra. Lá se foi o nosso vaqueiro. E foi exatamente assim que toda minha experiência na estrada de fato começou e as coisas que estavam por vir são fantásticas demais para não serem contadas. (KEROUAC, 2012, p. 131)

Nos anos 60, 70 e 80, no Brasil, mesmo com a ditadura e por causa dela, a literatura viu a produção artística aumentar como nunca antes, uma produção em uma busca desesperada de novos jeitos de se expressar, novos artificios de linguagem, novos meios de dizer o que não podia ser dito e de mudar o que devia mudar. Caio Fernando Abreu, como um jovem desse tempo, também vivia atrás dessas coisas, mas passou a vida inteira buscando, incansavelmente, o pertencimento e o amor. Tal busca acabou caracterizando também, praticamente, todos os seus personagens, que estão sempre atrás de serem felizes, até mesmo quando sabem que isso não é para eles. Em *Onde andaré Dulce Veiga?*, um jornalista “desempregado, endividado, amargo, solitário e desiludido de quase quarenta anos” (ABREU, 2007, p. 11), em depressão por ter sido abandonado por seu amor, satisfeito de acordar e ter conseguido um emprego para onde ir em um jornal para o qual ele não dá a mínima importância e apenas tentando “viver sozinho numa cidade infernal como aquela que trepidava lá fora” (Id., 2007, p. 9), de repente, por causa de uma de suas matérias, é convocado a viajar atrás da cantora que dá título à obra e é dada, na história, como desaparecida há vários anos. Por causa dela, e não só por ela, como também pela necessidade

do real, do não-invisível, ele viaja.

Cartas, santos, números, astros: eu queria afastar completamente todas essas coisas da minha vida. Queria o real, um real sem nada por trás além dele mesmo. Apenas mais fundo, mais indisfarçável, sem nenhum sentido outro que não aquele que se pudesse ver, tocar e cheirar como os cheiros, mesmo nauseantes, mas verdadeiros, dos corredores do edifício. Eu estava farto do invisível. (ABREU, 2007, p. 39-40)

O jornalista, assim como Caio Fernando Abreu (se é que não são a mesma pessoa), além de tudo isso, ainda admite estar perdido, sempre vagando de lugar em lugar, de pessoa em pessoa, levando uma vida solta. Ele também não se sente pertencente e, como já teve outras experiências de viagem, se conhece mais que o personagem de Kerouac no início da sua, mostrando que já refletiu sobre elas e percebeu que, ao retornar de cada uma, já não poderia pertencer.

Olhei a data, forcei a mente tentando lembrar onde andaria eu mesmo naquela época. Entregando jornais em Paris, lavando pratos na Suécia, fazendo cleaning up em Londres, servindo drinks em Nova York, tomando ácido na Bahia, mastigando folhas de coca em Machu Picchu, nadando nos açudes límpidos do Passo da Guanxuma. Minha vida era feita de peças soltas como as de um quebra-cabeça sem molde final. (...) À medida que o tempo passava, eu fugia, jamais um ano na mesma cidade, eu viajava para não manter laços – afetivos, gordurosos -, para não voltar nunca, e sempre acabava voltando para cidades que já não eram as mesmas, para pessoas de vidas lineares, ordenadas, em cujo traçado definido não haveria mais lugar para mim. (ABREU, 2007, p. 54-55)

Uma das principais diferenças entre Jack e o narrador-jornalista é que o primeiro sabia onde encontrar quem procurava, já o segundo, por não saber onde procurar, acaba entrando, quase sem querer, em uma trama um tanto policial atrás de alguém que, desaparecido há tanto tempo, ou morreu ou não quer ser encontrado. Sem saber como começar, ele decide consultar os búzios. Jandira, sua vizinha, afirma que ele encontrará a pessoa, e não só ela, mas muito mais, coisas que ele nem imagina, basta seguir a estrela. Ainda temeroso se conseguirá achar essa estrela, ele descobre mais uma coisa sobre si: “Eu não queria nada, eu não queria ninguém. Como Dulce Veiga, o que eu queria era encontrar – outra coisa” (ABREU, 2007, p. 140).

3.2 A desterritorialização, as pequenas descobertas e a relação comunitária na

estrada

3.2.1 *On the Road*

Em julho de 1947, Jack, finalmente, sai de casa rumo ao Oeste. Sem muito dinheiro, ele se joga direto no mundo das caronas e, despreparado, logo no início da viagem, tem sua primeira frustração quando, depois de levantar o dedo algumas vezes, descobre que o fato de uma estrada seguir direto, em um mapa rodoviário, de um ponto extremo do país a outro, não significa que ela será o tempo todo estrada. Depois de chorar e praguejar, o sonho de atravessar o país pela Rota Seis é abortado, e ele decide que se não conseguiria chegar em Chicago na manhã seguinte no carro de outro, chegaria de ônibus. E assim começou a grande viagem de Sal em busca de Moriarty, para longe do lugar no qual vivia e da posição social que ocupava. De universitário a vagabundo de estrada.

Depois de algum sufoco, muitas horas esperando alguém parar o carro e muitas outras tentando fazer com que essa pessoa sinta que valeu a pena apanhá-lo, Jack chega em Des Moines. Em um quarto de pensão ao lado da oficina de locomotivas, depois de dormir um longo dia, ele tem um momento epifânico, seu primeiro vislumbre do outro que ele mesmo estava se tornando.

Acordei com o sol rubro do fim de tarde; e aquele foi um momento marcante em minha vida, o mais bizarro de todos, quando não soube quem eu era... estava longe de casa assombrado e fatigado pela viagem, num quarto de hotel barato que nunca vira antes, ouvindo o silvo das locomotivas, e o ranger das velhas madeiras do hotel, e passos no andar de cima e todos aqueles sons melancólicos, e olhei para o teto rachado e por quinze estranhos segundos, realmente não soube quem eu era. Não fiquei apavorado, eu simplesmente era uma outra pessoa, um estranho, e toda a minha existência era uma vida mal-assombrada, a vida de um fantasma... Eu estava na metade da América, na linha divisória entre o Leste da minha juventude e o Oeste do meu futuro, e é provável que tenha sido exatamente por isso que tudo se passou bem ali naquele estranho entardecer avermelhado. (KEROUAC, 2007, p. 138)

É nesse momento, que Kerouac, pela primeira vez, se percebe alguém diferente de quando começou, um outro que não é mais aquele e que virá a ser outra coisa quando ao Oeste chegar. Sem medo desse eu em construção, desse estranho cuja vida antes da viagem agora era mal-assombrada, ele continuou se distanciando da Nova Iorque que conhecia, das pessoas que o rodeavam e do mundo ao qual fazia parte. Segundo John Urry, o próximo passo

era se integrar aos outros “peregrinos”, e assim Jack o faz ao se juntar a outro caroneiro (Eddie), que também é nova-iorquino, que está viajando para Denver atrás de uma garota e que teria, segundo Kerouac, “me enchido o saco caso eu já não estivesse preparado para qualquer espécie de amizade humana” (KEROUAC, 2007, p. 139). O fato de ele estar aberto a conhecer pessoas já possibilita que ele aprenda com elas, que tenha uma relação de troca, uma troca que apenas viajantes podem proporcionar um ao outro porque, mesmo efêmera, é intensa. A partir de então, mesmo que algo do mundo familiar de Jack também tenha lhe motivado a aceitar tal companhia (Eddie parecia o marido de sua prima, então era como se ele fosse um velho amigo), o fato de os dois passarem a viajar juntos, a pegar carona juntos, a beber cerveja juntos em um espaço de tempo muito pequeno possibilita que eles passem a conversar abertamente sobre diversos assuntos e a, conseqüentemente, contar suas vidas um para o outro. Juntos, eles também encontraram muitos outros viajantes, principalmente mais velhos, que fizeram quase a mesma coisa, em outros tempos, por diversos motivos e que, às vezes, na duração de uma carona, também se sentiram íntimos o suficiente para contarem um pouco de suas aventuras. Encontrar e saber que existem outros amantes da estrada já é o bastante para estabelecerem uma conexão instantânea, a alegria de estar em contato com alguém que entende o seu espírito livre e seus pés inquietos.

Depois de Grand Island e Preston, Eddie se separa de Jack, que volta a seguir seu caminho sozinho, mas não por muito tempo. Em seguida, Kerouac pega o que ele chamou de “a mais incrível carona da minha vida” (KEROUAC, 2007, p. 145). Em uma traseira de caminhão, com cinco homens em cima, também caroneando, e dois motoristas garotos agricultores do Minnesota que estavam parando para todos que esticavam o dedo, ele tem uma das mais intensas experiências de integração *viajera* que poderia ter. Ali, ele encontrou a tal “convivência comunitária” citada por Romano (2013) para falar da segunda parte da esquematização feita por Urry.

Olhei para a tripulação. Havia dois jovens lavradores da Dakota do Norte com bonés de beisebol vermelhos, [...], e eles iam em direção às colheitas: o velho deles os deixara cair na estrada o verão inteiro. Havia dois garotos urbanoides, de Columbus, Ohio, jogadores de futebol no time da escola, [...], e disseram que estavam aproveitando o verão para viajar de carona pelos Estados Unidos. “A gente tá indo pra LA!” berraram. “O que vocês vão fazer lá?” “Porra, não sabemos. Que diferença faz?” Havia ainda um sujeito alto e magro cujo nome era Slim e que veio de Montana, disse ele, e tinha um olhar furtivo. “De onde você é?” perguntei; [...]. Ele

se virou vagarosamente, abriu a boca e disse, “Mon-ta-na”. Por fim ali estavam também Mississippi Gene e o protegido dele. Mississippi Gene era um cara moreno e mirrado que saltava nos trens de carga por todo o país, um vagabundo de 30 anos mas com aparência jovem de modo que não dava pra dizer com certeza que idade tinha. [...] O protegido dele era um garoto alto e loiro, de dezesseis anos, igualmente envolto em trapos de andarilho, o que quer dizer que ambos vestiam roupas surradas escurecidas pela fuligem das locomotivas e pela imundície dos vagões de carga e por noites ao relento. (KEROUAC, 2007, p. 146)

Durante esta carona, Jack pôde ouvir um pouco da história de cada um, dividir um trago, receber propostas tentadoras de mudança de rota e rir de piadas e brincadeiras, como quando Montana Slim perguntou se ele não achava que plantando as alpargatas de Kerouac não nasceria algo, ou quando Slim quis urinar com o caminhão andando e alguém chamou a atenção dos irmãos motoristas, que ziguezaguearam o veículo fazendo com que ele se molhasse todo. Além disso, Jack teve a oportunidade de experienciar a mágica dos viajantes fascinantes seja por que motivo for:

Gene estava cuidando dele, até mesmo de sua melancolia e de seus receios. Eu me perguntava onde é que eles iriam se meter e o que fariam. Não tinham nem cigarros. Eu esbanjava meu maço com eles, estava apaixonado por eles. Eram agradáveis e encantadores. Jamais pediam; Eu continuava oferecendo. (KEROUAC, 2007, p. 151)

Nesta carona, Jack também pôde não só se integrar, fazer parte daquele grupo tão diverso, mas também de entrar em contato com essa diversidade de tipos americanos, o que desperta, e muito, seu interesse e sua curiosidade a respeito de cada um de seus companheiros (em especial, de Mississippi Gene e de seu protegido) e de todos os outros que poderia encontrar até chegar ao limite da América. Em Cheyenne, Jack e Montana Slim se despedem da “tripulação” do caminhão. Depois de aproveitar a noite da cidade, eles dormem no chão da rodoviária. Pela manhã, quando Kerouac acorda, Slim já tinha ido embora, e ele, então, volta a caronear sozinho. Com sua última carona, há mais uma conexão, e eles conversam tão longa e ardentemente sobre seus projetos de vida, que quando Jack se dá conta, está em Denver. Finalmente, em Denver. E a única coisa que ele quer é saber onde anda Neal e o que está fazendo. “Os dez dias seguintes foram como disse W.C. Fields 'Repletos de perigo iminente'... e loucos” (KEROUAC, 2007, p. 164).

Durante esse tempo, Jack acaba se envolvendo na história complicada de Neal, que está transando com duas garotas ao mesmo tempo, Louanne (sua esposa), que quer o divórcio,

e Carolyn, que apaixonada e ciumenta, acha que só tem que dividi-lo com Allen Ginsberg, outro fascinado e dependente de Cassidy. Kerouac, então, passa dez dias tentando acompanhar tudo isso e manter o ritmo, mas não é possível. Durante sua estadia lá, Jack arruma tempo para viajar para uma cidade próxima, ir à ópera, fazer festa com outros amigos também viajantes e, alguns deles, escritores, como Ed White, Allan Temko e Beverly Burford, e se envolver com uma garota, mas essa acaba não sendo, exatamente, uma experiência tão boa quanto ele esperava. É aí que descobrimos que ele também estava em busca de outra coisa. Ele queria algo diferente, queria amor.

Era uma garotinha legal, simples e sincera, e terrivelmente grilada com sexo; [...]. Eu disse a ela que era bonito. E queria lhe provar isso. Ela me deixou provar, mas fui impaciente demais e acabei não provando nada. Ela suspirava no escuro. “O que você quer da vida?” perguntei e eu vivia perguntando isso às garotas. “Não sei” respondeu. “Apenas trabalhar e tentar me dar bem.” Ela bocejou. Pus minha mão em sua boca e lhe disse que não bocejasse. Tentei explicar a ela o quão excitado eu estava pela vida e as coisas que poderíamos fazer juntos; dizendo isso, e planejando deixar Denver dentro de dois dias. Ela se deitou entediada. Ficamos deitados de costas olhando para o forro e refletindo sobre o que Deus deveria estar pensando quando fez a vida ser tão triste e desanimadora. [...] Garotas e rapazes da América têm tido momentos realmente tristes juntos; a artificialidade os força a se submeterem imediatamente ao sexo sem os devidos diálogos preliminares. Não me refiro a galanteios --- mas sim um diálogo aberto de almas, porque a vida é sagrada e cada momento é precioso. (KEROUAC, 2007, p. 181-182)

Apesar de o amor fazer parte da viagem, Jack pouco falou dele em seus livros, mas sempre lamentou sua banalização e como garotos e garotas da América viviam na eterna incompreensão um do outro. Depois dessa noite, Kerouac sabe que chegou a hora de ir embora. A estrada chamava. Em pouco tempo, compra a passagem e segue sozinho para São Francisco, se dando conta de que, naqueles dez dias, não tinha conversado mais que cinco minutos com Neal, o real motivo pelo qual ele atravessou o país. Cassidy estava ocupado demais. Em Frisco (apelido de São Francisco), Jack mora com o amigo Henri Cru e sua namorada e arranja um emprego como guarda de alojamentos, pois precisa de dinheiro para continuar a viagem e para enviar à sua mãe. Chegando ao ponto mais a oeste até então e se inserindo na rotina local, Jack vai deixando de ver São Francisco como a terra prometida e começa a se sentir solitário. Em seu último dia lá, escala uma montanha e revela suas outras visões da cidade e de si.

Comecei a escalada às três e atingi o topo às quatro. Todos aqueles lindos choupos da Califórnia brotavam por todos os lados. [...] Uma hora mais e a neblina fluiria através de Golden Gate para recobrir de branco a romântica cidade, e um rapagão seguraria sua garota pela mão e subiria lentamente por uma calçada alva com uma garrafa de Tokay no bolso. Isso era Frisco; e lindas mulheres paradas nos halls de entrada brancos, aguardando por seus homens; e a Coit Tower, e a Embarcadero, Market, e as onze colinas férteis. Uma Frisco solitária para mim nessa ocasião --- que uns anos mais tarde fervilharia quando minha alma fosse forasteira. Agora eu era apenas um jovem em cima de uma montanha. (KEROUAC, 2007, p. 206-207)

A cidade é romântica, mas, se sentindo solitário, ela, para Jack, se torna solitária também. Isso demonstra que o estado de espírito do viajante pode e, provavelmente, vai interferir na visão que ele tem de uma cidade. Quando sua alma deixa de ser forasteira e ele, em cima de uma montanha, percebe que não é nada além de um jovem em meio à vastidão de São Francisco, ele sabe que é hora de ir. Assim, ele se despede da cidade e parte para seu último destino na Califórnia. Novamente, na estrada. Depois de duas caronas e insucessos tentando pegar as próximas, Jack compra passagem para Los Angeles e, na rodoviária, se apaixona e atrasa toda a sua viagem pela “mais linda garota mexicana” (KEROUAC, 2007, p. 209).

Desejei estar no ônibus dela. Uma dor apunhalou meu coração, como acontecia sempre que via uma garota que eu amava indo na direção oposta nesse nosso mundo grande demais. Os alto-falantes chamaram os passageiros para L.A. Apanhei minha sacola e embarquei; e quem estava sentada lá sozinha senão a garota mexicana. [...] Eu estava tão solitário, tão triste, tão cansado, tão sobressaltado, tão alquebrado, tão arrasado [...]. [...] “Você tem que, você tem que ou você morrerá! Seu estúpido idiota fale com ela! O que há de errado com você? Já não está cansado de si próprio a essa altura?” E antes que pudesse perceber o que fazia debrucei-me sobre o corredor na direção dela [...]. (KEROUAC, 2007, p. 209-210)

E aí o verdadeiro amor de viagem se apresenta a Jack, o amor passageiro, de algumas horas, de uma noite, de um dia ou alguns dias, mas intenso igual às amizades de estrada, aquele amor que, vivido ou não vivido, tem em si a certeza da dor de vê-lo seguindo na direção oposta muito em breve. Mesmo indeciso e sem coragem, Jack decide vivê-lo e é correspondido. Depois de alugar um quarto de hotel e ficar lá alguns dias com Beatrice, os dois decidem que irão juntos para Nova Iorque, mas, primeiro, precisam ganhar dinheiro para saírem do lugar. Na selva que é Los Angeles, nenhum consegue emprego, então pegam um

ônibus para Bakersfield na esperança de trabalharem colhendo uvas. Também falhando, os dois vão para Selma, cidade natal de Bea e onde sua família e seu filho moram, e os três vão morar na barraca de um camping e conseguem emprego colhendo algodão. No início, Jack acha tudo encantador. Mais uma vez, participa intensamente da rotina de um lugar, mas assume um papel social diferente, se vê como pai de família e provedor, só que não estava treinado para colher algodão. Com toda a responsabilidade de formar um lar com alguém, Kerouac pragueja e pede “a Deus por uma vida menos árdua e uma chance melhor de fazer algo por aquela gente que eu amava” (KEROUAC, 2007, p. 225). Cheio de afazeres, aos poucos, esquece de tudo que veio antes, novamente, como se aquela vida também fosse mal-assombrada.

Os dias se passavam. Esqueci tudo a respeito do Leste e tudo sobre Neal e Allen e a maldita estrada. Raymond e eu brincávamos o tempo inteiro: ele gostava que eu o atirasse para cima e o deixasse cair na cama. Bea sentava remendando as roupas. Eu era um camponês exatamente como havia sonhado que seria em Ozone Park. (KEROUAC, 2007, p. 226)

Com o aluguel vencido, Jack e Beatrice concluem que terão que partir. Para isso, é necessário falar com a família (pais e irmãos) de Bea e contar a situação, visto que a moça está apaixonada por Jack, mas ainda é casada. A partir da noite dessa conversa com seus parentes, tudo começou a desmoronar. Kerouac já sentia o chamado da estrada, Beatrice sentia que ele iria deixá-la, e deixou. O pequeno romance durou apenas duas semanas.

Disse a Bea que estava partindo. Ela estivera pensando sobre isso a noite inteira e estava conformada. Me beijou sem sentimentalismos entre os vinhedos e se mandou trilha abaixo. Nos viramos depois de uns dez passos, pois o amor é um duelo, e nos olhamos pela última vez. “Te vejo em Nova York Bea” disse. Estava combinado que dentro de um mês ela iria para Nova York com o irmão. Mas ambos sabíamos que ela não o faria. A trinta metros me voltei para vê-la. Ela seguia caminhando de volta para o barraco, carregando numa das mãos o prato do meu café da manhã. Arqueei a cabeça e a observei. Oh ai de mim, eu estava na estrada outra vez. (KEROUAC, 2007, p. 230)

E, assim, Jack começa a fazer seu caminho de volta, que, no caso de um caroneiro-andarilho, se torna outra viagem. Com uma carona direta e extraordinária até Los Angeles,

Kerouac descobre que está no “fim do continente, nada mais de terra” (KEROUAC, 2007, p. 235), portanto, só resta retornar ao lugar de origem, que também não será o mesmo. Eric Wadell fala acerca disso em seu texto “*Sangue no Tanoa*”... ou o apelo do grande oceano (2003).

Chegando a Big Sur, na costa californiana, Kerouac escreve: “eis-me no fim da América – fim da terra – e agora eu não podia ir à parte alguma, a não ser fazer o caminho de volta” (KEROUAC, 1957).

[...]

Naim Kattan, escritor canadense [...] formulava assim seu pensamento diante da atitude americana: Kerouac foi um dos primeiros a ter indicado o limite do espaço e o termo do périplo. Alcançou-se a ponta do continente e nada se encontrou. O caminho de volta não pode conduzir nem a uma liberdade fora de alcance nem a um retorno à inocência, uma vez que a juventude, também ela, chegou ao seu termo. Que fica? A maturidade? Uma sabedoria? (KATTAN, 1972, p. XXIX). (WADELL, 2003, p. 56)

A partir disso, fica claro que voltar não devolverá a Jack tudo o que tinha, muito menos fará ele próprio voltar a ser o que era. Não há mais inocência porque a juventude acabou devido a uma espécie de consciência, que, mesmo ainda sem parar para refletir, faz o viajante notar que não é mais quem era antes, mesmo que ele não saiba o que mudou. O que fica depois de alcançar o limite do espaço, ele, provavelmente, só saberá quando estiver de novo ao seu local de origem.

Durante a volta, por não ter dinheiro para um ônibus direto para Nova Iorque, Kerouac compra passagem para Pittsburgh e, de lá, pena até conseguir chegar em casa. A viagem de retorno, ao contrário da de ida, que tudo prometia, se tornou algo parecido com uma provação. Depois de caminhar oito quilômetros e pegar duas caronas, Jack encontra um homem velho que quer chegar no “Canady” a qualquer custo e, com ele, anda muitos quilômetros para descobrir que estava voltando para onde saiu, mas uma coisa aprendeu com o velho perdido: “também havia amplitudes selvagens no Leste” (KEROUAC, 2007, p. 239), ou seja, assim como chegar ao Oeste era importante para Kerouac, chegar ao Leste era o grande sonho de outros viajantes. Dali, passa a noite na estação ferroviária e, na manhã seguinte, morrendo de fome, se arrasta até a saída de Harrisburg e consegue uma carona com um adepto ao jejum. Aí aprende que a vida é uma grande ironia, mas o homem lhe conduziria diretamente para Nova Iorque.

Um ano e meio depois, no Natal de 1948, Jack volta a ver Neal, quando este último, Louanne e Al Hinkle atravessam o país em um tempo surpreendente e chegam de surpresa na casa da irmã de Kerouac na Carolina do Norte. Sabendo que o resto da família de Jack se mudará para a casa dele em Ozone Park, Cassidy se oferece para levar a mobília em duas viagens rápidas até Nova Iorque. Durante essas viagens, Jack expressa, primeiramente, sua vontade de sossegar, de casar e formar uma família. Mais maduro, ele entende que não é possível continuar assim, sem rumo e sempre de um lado para o outro, indefinidamente. “Temos que chegar em algum lugar, encontrar alguma coisa” (Id., 2007, p. 249). Em segundo lugar, Kerouac resmunga da vida e do quanto gostaria de ajudar a sua família pobre. O tempo afastado da estrada e de Neal faz Jack voltar às suas raízes de homem de família tradicional católica, e o faz pensar que, mesmo gostando da vida de viajante, existem outras coisas e responsabilidades das quais ele também gostaria de fazer parte.

Apesar de manifestar tais desejos familiares, na volta para Nova Iorque, Jack se perde novamente sob a influência de Neal, seguindo-o para todos os lados em três dias e três noites de comemoração do Ano-novo. O fogo de artifício simplesmente ofusca todos à sua volta. Pauline, romance de Kerouac, não gosta do que vê.

O fim de semana do Ano-Novo começou e se prolongou por três dias e três noites. Grandes bandos embarcavam no Hudson e deslizavam pelas ruas nevadas de Nova York de festa em festa. Arrastei Pauline e sua irmã para a maior de todas as festas. Quando Pauline me viu com Neal e Louanne seu rosto ficou enuviado... ela percebeu a loucura que eles injetavam em mim. “Não gosto do jeito que você fica quando está com eles.” “Ah tudo bem, é só curtidão. A gente só vive uma vez. Estamos nos divertindo.” “Não, é triste e eu não gosto.” (KEROUAC, 2007, p. 258)

Jack sabe que é verdade e também entende que, por causa disso, sua relação com Pauline não durará. Ela deseja o Kerouac que conheceu, mas ele não pode ser assim sempre e, para ela, isso é algo incompreensível. Nem mesmo ele entende o que acontece, apenas vive o momento e deixa-se levar, ainda que saiba que isso não levará a lugar algum.

Minha mãe dizia que eu estava perdendo tempo vagabundeando com Neal e a turma dele. Eu também sabia que era uma besteira. Vida é vida, estilo é estilo. O que eu realmente queria era fazer mais uma magnífica viagem para a costa oeste e retornar a tempo para o semestre de primavera na faculdade. E que viagem seria essa! (KEROUAC, 2007, p. 262)

E, assim, parte novamente de encontro ao Oeste, prometendo retornar em duas semanas para voltar à faculdade, o que demonstra sua luta interna entre ir para a estrada e continuar no caminho que lhe dizem ser o certo ou que talvez ele mesmo acha ser o certo. Desta vez, como está indo viajar com Neal, Al Hinkle e Louanne, sua motivação para viajar é outra: a simples “pureza de se movimentar e chegar a algum lugar, não importa onde, e tão rápido quanto possível e com tanta excitação e curtição de tudo quanto possível” (KEROUAC, 2007, p. 267). O único objetivo deles é andar, ou assim Jack acha. Durante o trajeto até a casa de Bill Burroughs, em Nova Orleans, para buscar a mulher de Al, eles roubam comida, gasolina, são parados pela polícia por alta velocidade e roubados por ela, e dão carona em troca de dinheiro. Em uma das noites, enquanto todos dormem, Jack dirige e fica sozinho com seus próprios pensamentos. Pela primeira vez desde o início da viagem, ele se pergunta o que está fazendo e para onde está indo. Não tem respostas, mas sabe que elas não tardarão. De manhã, ele e Neal festejam o simples fato de chegarem ao Sul e de terem, finalmente, se livrado do inverno do Leste. As pequenas alegrias de viajar. Já na casa de Bill, este também quer saber o motivo da viagem e, novamente, Jack percebe que já não é uma pergunta fácil de responder.

Bill estava curioso para saber qual a razão da nossa viagem. [...] “Bem, Neal, quero que fique quieto um minuto e me conte qual é o sentido de você ficar cruzando o país desse jeito.” Neal só conseguia corar e responder “Ah bem, você sabe qual é”. “Jack, por que você está indo para a Costa?” “É só por uns dias, estou voltando pra faculdade.” “E qual é a desse tal de Al Hinkle, que tipo de pessoa ele é?” [...] Não sabíamos o que dizer a Bill a respeito de Al Hinkle. Ao perceber que não sabíamos nada sobre nós mesmos ele sacou três baseados e nos mandou ir em frente, que logo o jantar estaria pronto. (KEROUAC, 2007, p.281)

Depois de uma temporada em Nova Orleans e de um pequeno desentendimento entre Neal e Burroughs por causa de dinheiro, é hora de partir. Jack quer ficar mais, mas vai aonde Cassidy for, mesmo que ele esteja fora de controle e não esteja dando a mínima para ninguém. Isso demonstra que o objetivo de andar, e andar, e andar por aí rapidamente e com muita excitação não é o motivo pelo qual Jack saiu de casa, mas, sim, de Neal. No caminho até Tucson, onde pegariam dinheiro com Alan Harrington, amigo de Kerouac, eles atolam o carro

na lama, roubam mais comida, dirigem pelados, visitam uma ruína indígena, dão carona. Ao alcançarem a casa de Harrington, este também pergunta a eles porque estão indo para a Costa. Desta vez, eles são sinceros e respondem que não sabem, e então vão para o rancho de um amigo de Alan e fazem uma grande festa e vão embora no dia seguinte, e Jack, novamente, se pergunta o que estão fazendo ali. Depois de começar a viajar porque queria ir atrás de Neal, nesta segunda viagem, as raras indagações a si mesmo são outros indícios, para além do sempre querer ficar mais tempo, que fazem parecer que o motivo que encontraram (o apenas andar) não é suficiente para justificar tudo que ele, Jack, está fazendo. Ele está buscando outra coisa, algo que nem sabe porque, sempre atrás do ritmo frenético de Cassidy, não consegue parar para refletir e como, segundo Carro, refletir é “um movimento de retorno a si mesmo” (CARRO, 2007, p.1), a única coisa que ele consegue, mesmo tentando se achar, é se perder cada vez mais.

Ao, finalmente, chegarem em São Francisco, Neal vai correndo acalmar Carolyn, deixando Jack e Louanne em um hotel, sem emprego, sem dinheiro, sem comida. “Viu que filho da puta que ele é?” disse Louanne. 'Neal deixa você na mão toda vez que pinta algo que o interesse mais.' 'Eu sei' respondi, e olhei para o Leste e suspirei” (KEROUAC, 2007, p.309). Abandonados em uma calçada, os dois olham ao redor e se encontram em uma nova realidade espacial, que não é nem seus lugares de origem e nem a estrada. Na última vez, Jack foi embora de São Francisco achando-a uma cidade extremamente solitária. Agora, não parece que sua visão tenha mudado muito.

Não tínhamos nenhum tostão. Neal não havia mencionado nada a respeito de dinheiro. “Onde é que vamos ficar?” Perambulamos pelas imediações carregando nossos fardos esfarrapados pelas ruelas românticas. Todos pareciam alquebrados figurantes de cinema, estrelinhas apagadas, -dublês desiludidos, pilotos de carro midget, comoventes personagens californianos com sua tristeza de fim de linha, Casanovas bonitos de elegância decadente, loiras de motel com olhos inchados, punguistas, gigolôs, putas, massagistas, mensageiros, uma corja completa e como pode um homem sustentar-se no meio de um bando como esse. (KEROUAC, 2007, p. 309)

Desamparados, São Francisco era, então, mesmo que ainda romântica, a cidade do desamparo. Louanne e Kerouac arranjam um hotel e só conseguem comer à meia-noite com a ajuda de uma vizinha. Com toda essa situação, Jack se desiludi.

Olhei os néons piscando pela janela; e me perguntei: “Onde está Neal e por que ele não se preocupa com o nosso bem-estar?” Naquele ano perdi a fé nele. Tinha sido nosso último encontro, nada mais. Fiquei uma semana em São Francisco e foi a época mais desgastante da minha vida. Louanne e eu perambulávamos quilômetros tentando conseguir dinheiro para comer, até visitamos uns marinheiros bêbados num albergue que ela conhecia na rua Mission; eles nos ofereceram uísque. Moramos juntos no hotel por dois dias. (KEROUAC, 2007, p. 309-310)

Ficar este pouco tempo com Louanne liberta Jack da influência de Neal, e ele, finalmente, pode falar e enxergar as coisas melhor. Ele conta para ela de seus sonhos e nota que ela, na verdade, nunca esteve interessada nele, mas, sim, em ter Neal de volta usando ele, eles brigam, mas continuam ali, empacados. Uma noite, Louanne simplesmente abandona Jack com o pretexto de que arranjará comida. Ele está sozinho de novo, mas delirando de fome. No dia seguinte, Neal volta para salvá-lo e o leva para a casa de Carolyn, onde pode comer e descansar por uns dias. O leva também de volta à loucura da vida, para a noite do jazz e para o nada. Quando Jack recebe o cheque da bolsa de estudos, começa a preparar sua viagem de volta, percebe que Carolyn o quer fora dali, que para Neal não faz diferença nenhuma e admite não saber o que tinha realizado com a vinda a São Francisco. Em sua última noite, ele e Neal encontram Louanne e vão para uma festa negra em Richmond.

Era o fim, eu queria cair fora. Na madrugada peguei meu ônibus para Nova York e dei tchau para Neal e Louanne. Eles queriam alguns dos meus sanduíches. Eu lhes disse não. Foi um momento sombrio. Estávamos pensando que nunca mais nos veríamos, e não nos importávamos. Era isso aí. (KEROUAC, 2007, p. 315)

Mesmo sendo uma volta de ônibus, Kerouac não tem sorte. O veículo atola em uma nevasca na Dakota do Norte, o motor explode, e Jack passa por diversos lugares, conhece diversas pessoas, faz apostas, enche a cara, rouba comida, vê um acidente, pega carona, vai visitar sua primeira mulher, que não está, e tem diversas reflexões.

Toda minha vida arruinada girou diante de meus olhos fatigados, e percebi que não importa o que você faça está fadado a ser uma perda de tempo no fim das contas e você pode muito bem ficar doido. Tudo que eu queria era afogar minha alma na alma de minha mulher e alcançá-la por meio do emaranhado de mantos que é a

carne ao leito. No final da estrada americana há um homem e uma mulher fazendo amor num quarto de hotel. Era tudo que eu queria. [...] Tudo que eu queria e tudo que Neal queria e tudo que qualquer um queria era alguma espécie de penetração no coração das coisas [...]. E na época eu tinha muitas fantasias românticas, e suspirei diante de minha sina. A verdade da coisa é, você morre, tudo que você faz é morrer, e contudo você vive, sim você vive, e isso não é uma mentira. (KEROUAC, 2007, p. 316-317)

Alguns meses depois, no mesmo ano (1949), Jack recebe dinheiro por uma publicação suficiente para comprar uma casa em Denver para a sua família, que vai até lá e, em pouco tempo, volta para Nova Iorque, sem se adaptar ao clima interiorano da cidade do Oeste. Jack, então, mais pobre, decide aproveitar que está lá para rever velhos amigos. Primeiro, arranja um trabalho para poder pagar a viagem até São Francisco para ver o que Neal está fazendo. Essa é, afinal, a sua sina. Além disso, ele só queria chegar a Frisco porque “todo mundo quer chegar a São Francisco e para quê? Em nome de Deus e sob as estrelas para quê? Alegria, curtição, algo que arde na noite” (KEROUAC, 2007, p. 320). Depois de um dia de trabalho, onze dólares e umas moedas e um porre, Jack acorda e recebe cem dólares da mulher com quem dormiu, que lhe diz que ele passou a noite inteira falando de uma tal viagem para São Francisco. Chegando lá, Jack desperta a agitação em um Neal quase adormecido pela responsabilidade de ter uma família, mas encontra também um homem mais maduro, que, agora, compreende muito do que lhe foi falado no passado. Na manhã seguinte, os dois e suas malas são expulsos de casa. Jack se sente feliz de estar lá, pois, pela primeira vez, Neal precisa dele e, finalmente, são apenas os dois. Duas noites de curtição interminável pelas ruas e bares de Frisco, o combinado é voltar para Nova Iorque. Novamente, Jack não quer ir, sua “estadia tinha durado míseras sessenta horas. Com o frenético Neal eu corria o mundo sem chance de vê-lo.” (KEROUAC, 2007, p.344). Mas Neal não se sente bem e precisa se afastar do Oeste, então Jack está fazendo isso por ele. No caminho para o Leste, em um carro de agência de viagem, no qual conseguiram carona, Cassidy está sem forças, então Kerouac toma conta do tempo e fala sem parar, tudo que sempre quis falar, permitindo poucas intromissões, e lhe conta sobre sua infância com seu pai e suas visões quando viajavam juntos. Neal e Jack são deixados em Denver. Lá, duas guerras se iniciam: a de Neal contra a cidade que sempre lhe deixou sem abrigo e onde ele vive procurando seu pai bêbado, e a de Jack com Neal, descarregando nele todos os seus ressentimentos. Kerouac se descobre, então, cruel. Sua explicação para Cassidy por agir assim é que nunca é tão íntimo de ninguém e, quando isso

acontece, não sabe como agir. Jack entende que possui um sério medo de se comprometer com o que quer que seja, principalmente com as pessoas. No resto de sua estadia em Denver, os dois param de brigar e se divertem, e Jack explica para Justin W. Brierly e Dan Buermeister o que tinha a ver com Neal:

“Para ser completamente franco meu interesse em Neal é o interesse que poderia ter tido por meu irmão que morreu quando eu tinha cinco anos. Nos divertimos muito juntos e nossas vidas estão ferradas e é nesse pé que estamos. Vocês sabem em quantos estados estivemos juntos?” (Id., 2007, p. 360).

Quando decidem que já é hora de partir de Denver antes que sejam presos por causa dos roubos de carro de Neal, eles passam em uma agência de viagens e conseguem um Cadillac que deve ser levado a Chicago. Durante esse trajeto, Cassidy corre enlouquecidamente pelas estradas da América, e, acompanhado de Jack e os meninos jesuítas que estão caroneando com eles, entra em um valo, janta no rancho de Ed Uhl, bate na traseira de um carro, é parado pela polícia e, depois de extraordinárias vinte e três horas, chega em Chicago. Em vez de devolver o carro, eles deixam os meninos e vão atrás do *be bop* noite adentro. Pela manhã, o Cadillac está em frangalhos. O próximo destino é Detroit porque, como Jack está com Neal, desta vez, está em busca de outra pessoa. Quer sua mulher, Edie, de volta. No ônibus, enquanto Cassidy dorme, Kerouac conversa com uma moça do interior.

“O que você faz no domingo à tarde?” perguntei. Ela sentava na varanda. Os garotos passavam de bicicleta e preparavam para conversar. Ela lia revistas em quadrinhos, deitava-se na rede. “O que você faz numa noite quente de verão?” Ela sentava na varanda, olhava os carros a passar na estrada. Ela e a mãe faziam pipoca. “O que seu pais faz nas noites de verão?” Ele trabalha, faz o turno da noite inteira na fábrica de caldeiras. “O que seu irmão faz nas noites de verão.” Anda de bicicleta, fica parado na porta da lanchonete. “O que ele está louco para fazer? O que estamos todos loucos para fazer? O que queremos?” Ela não sabia. Bocejou. Estava com sono. Era demais. Ninguém sabia. Ninguém jamais saberia. Estava tudo acabado. (KEROUAC, 2007, p. 385-386)

Ainda sem ter as respostas que procura ou ainda sem enxergá-las, mas totalmente consciente de que, muitas vezes, o que fazemos não é exatamente o que estamos loucos para fazer, Jack chega a Detroit com Neal. A tentativa de voltar para a sua ex-mulher fracassa e,

assim que a vê, sabe que nunca mais voltarão. Mesmo tendo-lhe consideração, ele não gosta da nova aparência dela e nem do fato de ela não ter uma “bela alma”, mesmo assim quer ter uma última noite com Edie, mas o que acaba sofrendo é só mais uma grande decepção quando ela lhe deixa sozinho em meio às fábricas de Detroit. Ali, descobre que as pessoas mudam, e, finalmente, volta para Nova Iorque.

A quarta viagem de Jack descrita em *On the Road* é mais uma em que ele vai para a estrada, rumo ao Oeste, sozinho. Neal está morando em Nova Iorque, então também é uma das poucas vezes que a razão de sua viagem é outra: fugir de uma mulher que lhe proporciona muitos maus momentos e da primavera. Viajando de ônibus e não mais de carona como nos velhos tempos, Kerouac conhece um ex-presidiário chamado George Glass, que lhe conta a sua vida na prisão e, com ele, vai para Denver. A viagem de ônibus é muito mais rápida e muito menos cheia de interações com outros viajantes do que as andanças e caronas da estrada, portanto, Jack acaba não saindo tanto de sua zona de conforto. Ao chegar onde queria, volta aos bares com seus amigos regressos da França, Ed White e Frank Jeffries, que ainda não conhecia Jack. No seu próprio tempo, Kerouac consegue aproveitar Denver, passa as tardes em bares com garçonetes que vestem *slacks* e as noites ouvindo jazz e frequentando bares negros. Depois de uma semana, Jack descobre que Neal havia comprado um carro e está voando pela estrada até Denver para levá-lo até o México e conseguir o divórcio de Carolyn mais facilmente. Desta vez, nada de Leste ou Oeste, irão para o Sul.

No dia seguinte da chegada de Neal, ele, Jack e Jeffries partem em direção ao México. Para passar o tempo, eles decidem contar um ao outro a história de suas vidas, nos mínimos detalhes porque o caminho será longo, decisão que vai em direção contrária àquela de quando, depois de viajarem muitos dias com Al Hinkle até a casa de Burroughs, nenhum deles sabia nada um do outro. Ao chegarem em San Antonio, bem ao sul do Texas, ficam fascinados com o clima mexicano que encontram, um novo espaço, um que não conheciam. Nunca tinham chegado tão longe. Kerouac e Cassidy deixam Frank em um hospital para tratar de seu braço inchado e saem para conhecer a cidade. Estão tão encantados, que decidem apenas caminhar e observar tudo que é possível. De madrugada, um pouco antes de atravessarem a fronteira, percebem que ali, “no fim do Texas, no fim da América, aqui termina tudo que conhecemos” (KEROUAC, 2007, p.423), mas começa tudo que eles não conhecem. Ao chegarem, o choque. Os tiras são diferentes, o ar é diferente, a água é diferente, as crianças dormem em cama de palha em Sabinas Hidalgo, as casas são feitas de adobe em Monterrey, as putas

custam três dólares e meio em Victoria, jornaleiros berram, mecânicos andam descalços, motoristas são índios e ambulâncias avançam a cento e vinte por hora sem parar na Cidade do México. É a mais intensa desterritorialização, e Jack sabe que, finalmente, eles aprenderiam alguma coisa com o povo local, e foi se misturando a eles logo que chegam na *Ciudad Victoria* que sentiram o verdadeiro estranhamento de serem americanos em meio a mexicanos e, ao mesmo tempo, estarem tão próximos do desconhecido.

Então a coisa mais estranha aconteceu. Todos estavam tão chapados que as formalidades usuais foram dispensadas e nos concentramos no assunto de interesse imediato, que naquele momento era a estranheza de americanos e mexicanos fumando juntos no deserto e mais do que isso, a estranheza de se ver uns aos outros de perto. Então os irmãos mexicanos começaram a falar de nós em voz baixa e a comentar, enquanto Neal Frank e eu fazíamos comentários sobre eles. (KEROUAC, 2007, p. 433)

Essa aproximação revela uma diversidade ao olhar estrangeiro de Jack, Neal e Frank que é diferente de e, provavelmente, mais intensa que toda a diversidade que presenciaram no território estadunidense. Daí advém a curiosidade e o tamanho fascínio pela terra, costumes e linguagem do outro.

Chegando à Cidade do México, Kerouac vai parar em uma cama de hospital por várias noites, e, quando acorda, Neal já resolveu a questão de seu divórcio com Carolyn e avisa Jack que está voltando para Nova Iorque para casar com Diane e que Frank cuidará dele. No Outono, Jack volta para casa.

3.2.2 Onde andaré Dulce Veiga?

A viagem do jornalista atrás de Dulce Veiga começa antes mesmo de ele sair de São Paulo. Ele primeiro viaja pela própria cidade e, brevemente, por pessoas, desbravando um pouco de seus mundos em busca de pistas para encontrar quem realmente procura. A primeira é Patrícia, um dos membros da banda Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas. Eles (e toda banda) se conhecem em uma segunda-feira. Nesse dia, o jornalista quer apenas uma entrevista, mas, apesar de não consegui-la, Márcia lhe diz que é filha de Dulce Veiga. Na terça-feira, menciona o nome da cantora desaparecida há vinte anos ao seu chefe Castilhos, e este lhe manda escrever uma matéria sobre a mais maravilhosa mulher que já existiu. À noite,

encontra Pepito Moraes, ex-pianista de Dulce, em uma pequena galeria no Edifício Itália. Através dele, fica sabendo que, durante os ensaios, ela vivia repetindo que queria encontrar outra coisa, mas, segundo Pepito, ela nem sabia o quê. O que ele também descobre é como as pessoas se sentem com o desaparecimento ou a fuga de Dulce. Moraes está ressentido por ela, simplesmente, sumir e não pensar nos sonhos dos músicos que a acompanhariam quando se tornasse a melhor cantora do Brasil. Ele menciona ao jornalista o nome de Saul, um dos amores de Veiga. Quarta-feira, o personagem de Caio descobre que sua matéria sobre onde andará Dulce Veiga é um sucesso e que Rafic, o dono do jornal, quer falar com ele. À tarde, ele dá voltas e voltas pela cidade atrás do endereço que Patrícia falou para ele encontrá-la, deslocado no seu próprio local de residência. Na Freguesia do Ó, ele encontra o sobrado e é recepcionado por Patrícia, que lhe apresenta um pouco do mundo dela, cheio de astrologia e tão cheio de rock e alusões à vida de Virginia Woolf. A princípio, um estranhamento.

Atrás do biombo havia uma escrivaninha e uma estante com duas filas de livros. Na de cima, todos os de Virginia Woolf, incluindo diários, cartas, mais as biografias de Leonard Woolf, Quentin Bell e John Lehmann. Muito manuseados, desordenados, riscados, certamente não estavam ali escondidos para impressionar visitas. Que de resto, naquela distância, deviam ser raras. Embaixo, além do *I Ching*, apenas livros sobre Astrologia, a maioria em inglês. Ao acaso, li os nomes de alguns autores – Liz Greene, Robert Hand, Stephen Arroyo, Dane Rudhyar –, não me diziam nada. A gata roçou nas minhas pernas, depois pulou sobre a escrivaninha. E lá, entre caixas de incenso indiano, cristais, pedras e inúmeras caixinhas de vários tamanhos e formatos, estava o que imaginei que fosse meu mapa astral, pelo menos havia meu nome no alto da folha. (ABREU, 2007, p. 87-88)

Ele gosta do que vê, mas está lá não para falar com Patrícia, mas, sim, com Márcia, a líder da banda. Quando ela permite, ele, pouco a pouco, ao subir as escadas, vai entrando no mundo dela também. Outro estranhamento.

Como numa galeria pop exclusivamente feminina, pelas paredes fui identificando pôsters de Janis Joplin, Patty Smith, Tina Turner, Laurie Anderson, Suzanne Vega, Sinéad O'Connor, Madonna, Annie Lennox e outras que eu não conhecia. De brasileiras, apenas Wanderléa, Marina e Rita Lee, vestida de fada. Pisquei para Rita. Se Deus quiser, lembrei, um dia eu quero ser índio. O vago perfume de incenso e chá Mu do andar inferior cedia lugar ao cheiro denso de maconha e cigarros.

[...]

Na penumbra, além da cama e roupas espalhadas, quase todas pretas, havia uma tevê ligada sem som, vídeo, tape-deck, uma guitarra em pé num canto e um único pôster. Iluminado pelas vibrações coloridas da televisão, o rosto ao mesmo tempo frágil e duro, de maxilares salientes, queixo quadrado e lábios femininos, o rapaz – para minha surpresa era um rapaz – parecia um pouco com Pedro, mas parecia mais Jim

Morrison. (ABREU, 2007, p. 89)

Ao mesmo tempo que adentra o desconhecido, ao lembrar-se de Pedro, faz comparação com o conhecido. A entrevista começa. Márcia é filha de Dulce Veiga e de Alberto Prado. Ela lhe conta que, quando sua mãe sumiu, ainda não tinha dois anos e foi mandada para o Rio de Janeiro, ficar com sua avó, que morreu quando ela tinha uns oito ou nove anos. O pai, então, manda-a viver com Francisca Veiga, a avó materna, em Alto Paraíso de Goiás. Lá, teve uma infância e um início de adolescência feliz, até que Francisca também morreu. Alberto, artista e ocupado, paga-lhe os estudos em Londres, dizendo que era o sonho de Dulce que a filha fosse estudar fora. Em um cenário britânico, Márcia conhece Patrícia e Ícaro. Juntos, começaram a tocar na rua por dinheiro e, mais tarde, Márcia abandona os estudos e vai para Nova Iorque com Ícaro. Aos dezoito anos, viciada em heroína, é obrigada a voltar para São Paulo e é internada em uma clínica de reabilitação. As palavras vão rareando, o quarto vai ficando cada vez mais escuro, parece difícil para ela falar do passado e difícil para o jornalista perguntar. Sem ele dizer nada, ela diz que o rapaz do pôster que parece Jim Morrison é, na verdade, Ícaro, e que ele está morto. De repente, no meio do silêncio, o jornalista lembra do nome que Pepito Moraes mencionou e pergunta à Márcia quem é Saul. Ela diz que não sabe e diz que o tempo dele acabou. Atrasado, ele consegue carona com Patrícia, que o leva de moto até a casa de Rafic, no Morumbi. Chegando lá, outro choque com o desconhecido, mas, dessa vez, ele se sente mais deslocado.

Imensa como um navio, a sala era toda branca. Os tapetes, as paredes, sofás e poltronas, a mesa com tampo de vidro cheia de prataria baiana. As cores estavam apenas nos quadros acima dos sofás. Primitivos, tropicais, laranjas e verdes e azuis berrantes, bandeirolas de São João, ladeiras, igrejinhas no topo de colinas, selvas com tucanos e araras de bicos e penas resplandcentes, palmeiras e luas cheias solitárias pairando sobre marés encapeladas. Tudo isso em torno do que devia ser a peça principal: em moldura dourada, o retrato de uma mulher loura, empinada, com uma águia entre as mãos.

Fiquei vagando no meio daquilo, com meu cheiro que empestava o ambiente. Das caixas de som colocadas no alto saía uma música tão familiar que custei a reconhecer Ray Conniff.

Sem me atrever a macular a alvura dos sofás, cheguei mais perto de um quadro que lembrava Di Cavalcanti. (ABREU, 2007, p. 101-102)

Rafic lhe oferece uma bebida, mas, mesmo bebendo uma dose de *Jack Daniels*, o

jornalista não consegue relaxar. O homem e o ambiente deixam-lhe desconfortável, mas a situação piora quando o dono do jornal elogia sua matéria sobre Dulce Veiga e, subitamente, lhe incumbe a missão de encontrá-la, a qualquer custo, ele ajudará em tudo que for preciso, inclusive com dinheiro. Este momento é o catalisador da sua busca e o principal motivo para viajar, dessa vez, não por pessoas, mas por lugares.

Quinta-feira, o jornalista acorda aterrorizado. Tem que encontrar uma mulher que poderia estar morta ou morando onde quer que seja ou qualquer outra possibilidade. Além disso, ele nem quer procurar por ela, ele quer mesmo é encontrar Pedro, o amor perdido, fugido, do qual ele tanto sentia falta. Mas, ainda é preciso ter um emprego e, para mantê-lo, encontrar Dulce Veiga é crucial. Ainda pela manhã, a primeira pessoa que pensa em falar é Alberto Veiga (adquiriu o sobrenome da esposa por ser mais dramático). À tarde, está no teatro, assistindo ao ensaio de uma peça de Alberto. Ao percebê-lo, o artista para o ensaio para conversar com o cara do jornal e, durante quase todo tempo, faz propaganda de sua versão de *Beijo no asfalto* com um final Pietá gay erótica, que, segundo ele, Nelson Rodrigues nunca ousou escrever. Ao ser questionado sobre Dulce Veiga, Alberto afirma que a última vez que a viu foi na madrugada antes da estreia do show. Eles estavam separados, praticamente, desde que Márcia nasceu. O motivo da separação nunca fora declarado, mas, para o jornalista, é óbvio que a razão era a cada vez mais escancarada homoafetividade do artista e o envolvimento de Dulce com as drogas, as bebidas e os amantes. O diretor ainda revela que o bilhete que a cantora deixou ao desaparecer era destinado a ele, mas que não havia nenhuma pista de onde ela pudesse estar. No final da conversa, o jornalista ainda lembra de perguntar sobre Saul a Alberto. Este afirma não saber de quem se trata e avisa que precisa voltar a ensaiar.

Desiludido mais uma vez, é nesse dia que o cara do jornal decide visitar sua vizinha Jandira para consultar os búzios. Mesmo dizendo a ele que sua missão de encontrar Dulce Veiga será cumprida, ele não consegue deixar de estar preocupado, mas, a partir daí, as coisas começam a acontecer muito rápido. Antes de dormir, Patrícia toca a campainha de seu apartamento e entra, desesperada, dizendo que Márcia desapareceu igual à mãe, no dia da estreia do show da banda. Ele, então, começa a pressioná-la com perguntas, pedindo que ela seja sincera sobre onde a líder da banda possa estar. Ela acaba revelando que Márcia vai quase todos os dias em uma casa no Bom Retiro, levando comida, remédios e, às vezes, roupas de mulher. Como ela não sabe dizer quem mora na casa, ele a faz levá-lo até lá. Tem quase

certeza de que encontrará Dulce Veiga. Ao chegarem no endereço, encontram a porta do quarto semiaberta, um ambiente escuro, uma mulher de cabeça loura sentada de costas em uma poltrona verde e Márcia injetando algo em seu braço. Quando Márcia notou o jornalista e Patrícia parados na entrada, os dois entraram. Ao ver o rosto da mulher sentada, ele percebe, com assombro, que é Saul, mas não há tempo para explicações, Márcia e Patrícia precisam ir correndo fazer seu show.

Sexta-feira, depois da meia-noite e depois da apresentação das Vaginas Dentatas, Márcia explica tudo para o cara do jornal, conta que soube de Saul quando voltou de Londres, que alguns amigos de sua mãe cuidavam dele, diz que simpatizou com ele, que entendeu a sua loucura e passou a cuidar dele sozinha. Ela também revela que seu amigo Ícaro morreu de Aids e que está com medo de fazer o teste e estar doente também. O jornalista entende porque Pedro também foi contaminado e ele também sente o mesmo medo. Ao acordar, decide que precisa sair de São Paulo e sai.

Preciso viajar, pensei, preciso ver todas essas gentes, todas essas coisas assim. De cima, de longe. Lembrei do oferecimento de Rafic, "passagens, no balcão do aeroporto, a hora que você quiser", e decidi ir ao Rio falar com Lilian Lara. Quase certo de que seria inútil mas, afinal, ela fora a última pessoa a ver Dulce Veiga. (ABREU, 2007, p. 169)

Ao sair de São Paulo para o Rio de Janeiro, tem sensações diferentes e se sente diferente. Além disso, com a sua brancura adquirida na selva de pedra, era o diferente nas ruas da cidade maravilhosa.

Pelas vidraças abertas para o mar entrava o bafô do verão, uma luz tão clara e tropical que, olhando as folhas das palmeiras lá embaixo, recortadas sobre o verde das águas, a curva de Copacabana perdendo-se na ponta do Leme, voltei a ter a mesma sensação de sempre ao chegar no Rio de Janeiro. Ao fundo, numa trilha sonora que só eu ouvia, eternamente Gal Costa cantava *Aquarela do Brasil*.

[...]

Olhei minhas próprias mãos, voltou também a outra sensação que eu sempre tinha no Rio. Naquela luz excessiva, minha pele parecia branca demais, as unhas sujas, encardidas, a pele machucada em volta delas, dedos amarelados de cigarro e outras manchas, veias e ossos e pêlos nítidos demais. Cruzei os braços, fechei as mãos, apertei-as contra a camisa úmida de suor. (ABREU, 2007, p. 169-170)

Está no apartamento de Lilian, que, perguntada sobre Dulce Veiga e depois da menção

do nome de Saul e de umas doses de suco de laranja com vodca, acaba dizendo que este último foi o que mais sofreu por ser o pai de Márcia. Através dela, o jornalista fica sabendo da história de Saul, que, na época em que Dulce havia deixado Alberto para ficar com ele, estava metido com política e fora preso e torturado. Ao se ver livre, descobriu que Dulce tinha desaparecido e que Márcia foi mandada para Londres. Meio louco, acabou em um hospício. Depois de toda essa revelação, ele também acaba por descobrir, com a chegada de Patrícia, que ela é filha de Lilian Lara. De volta às ruas do Rio, ele é surpreendido por uma das realidades da cidade.

Seqüestro, gritavam, assalto, pegaram os traficantes. Um vendedor fechou o *trailer*, cocos verdes rolaram pela calçada, pisei num, quase caí, continuei correndo, as palmas das mãos esfoladas, ouvi mais tiros, uma mulher passou chorando. Quando percebi, estava dentro da praça que dava para o Arpoador. Tinha perdido Patrícia, e também a vontade de ir a São Conrado, Laranjeiras, Botafogo ou qualquer outro lugar naquela Beirute. Tudo que queria era voltar imediatamente para São Paulo. Lá pelo menos, pensei. E não sabia o que vinha depois. (ABREU, 2007, p. 177)

Mesmo não sabendo o que vem depois, o jornalista tem um choque, um encontro com um acontecimento que não faz parte de sua rotina e, portanto, quer ir embora, de volta para tudo que conhece. E, no mesmo dia, está, novamente, em São Paulo. Às onze, sai de casa rumo ao segundo show das Vaginas Dentatas. Ao chegar em frente ao local, ainda sem sair do táxi, presencia Márcia saindo apressada e Patrícia tentando impedi-la. Ele, então, a segue e só para quando vê o táxi dela parar no Morumbi, em frente à casa de Rafic. Dali, ele vai direto ao endereço onde Saul está. No início da madrugada de sábado, o jornalista entra no quarto destruído onde Saul se encontra soluçando. A mulher que lhe faz companhia é convencida pelo cara do jornal a deixá-los a sós. No instante em que ficam apenas os dois, o jornalista aproveita para perguntar onde está Dulce Veiga, e ele pressiona tanto que Saul acaba falando que Dulce está ali, na poltrona verde. Enfiando seu braço dentro do assento, o jornalista toca um caderno. Antes mesmo que ele pudesse abri-lo, a ambulância chega, e ele vai embora sem ninguém vê-lo. Quando, finalmente, consegue mexer no caderno, percebe que é o diário de Dulce e, dentro dele, encontra cartas e o mapa do Brasil com uma estrela desenhada e, no meio dela, o nome de uma cidade: Estrela do Norte. À tarde, ele já está dentro de um avião, rumo à cidade do centro da estrela atrás de Dulce Veiga.

Minhas pálpebras, meus membros começaram a pesar toneladas. Árvores gigantescas além das vidraças e aquelas pessoas baixas, de cabelos lisos e olhos miúdos, movendo-se em câmera lenta no meio da umidade, davam a sensação estranha de que eu estava em outro país. Mas no país verdadeiro, como se o falso fosse de onde eu vinha.

Senti medo. Eu era um alienígena vindo da corte neurótica e mínima do centro do país. (ABREU, 2007, p. 190)

Ao pisar em terra firme, um encontro com uma realidade ainda mais intensa, uma realidade que lhe fazia sentir ainda mais estrangeiro do que estar no Rio de Janeiro, que lhe fazia sentir ainda mais não-pertencente, e, mais que isso, falso brasileiro. Com o endereço das cartas encontradas dentro do diário de Dulce em mãos, o cara do jornal chega na Pensão Estrela, pergunta por Deodato (quem escreveu as cartas) e, sabendo que ele morreu, por Dulce Veiga. A mulher que lhe atende diz que não sabe de nada, para ele ir embora. Enxotado, sem ter para onde ir e em uma cidade completamente estranha a ele, o jornalista fica desolado e desiste de sua procura. Antes de decidir qualquer outra coisa, precisa comer e sai andando em busca de um bar, lanchonete, qualquer coisa. Em volta, apenas chão de terra batida, casas velhas e natureza, que lhe parecia muito ameaçadora visto que se sentia sozinho, desamparado, então está odiando estar lá, os insetos, os cachorros de rua, o calor escaldante. Tudo isso lhe dá vontade de chorar de desespero. Ao pensar nisso, ele ouve uma voz de mulher e a segue até chegar em frente a uma churrascaria. Ao espiar lá dentro, enxerga Dulce Veiga. Ela não foge, apenas continua a cantar, e o povo vai chegando só para vê-la fazer o que sabe e mais gosta. Quando termina seu pequeno show, convida o jornalista para conversarem em sua casa. No caminho, a pé, fica descalça.

Olhei para cima, um pouco tonto. À noite, o céu imenso demais, o equador. Vertiginoso, repeti, e sem saber por quê, outra vez, voltou aquela palavra do parque – *pentimento*, era essa. A lua cheia subia atrás de uma palmeira, a luz dourada salpicava uma bruma fosforescente na copa das árvores. Ruídos estranhos vinham da mata. Não pareciam mais sinistros, apenas desconhecidos. Vivos, e eu parei de odiar Estrela do Norte. (ABREU, 2007, p. 196)

Ao encontrar o que procurava, tudo ao redor deixa de ser estranho ao jornalista e passa a ser apenas agradavelmente desconhecido. Mas, segundo sua vizinha Jandira, ele encontrará

muito mais que a cantora desaparecida há vinte anos. Ao caminhar com Dulce, anda descalço também, se despindo dos ares de São Paulo e começando a se integrar à terra de Estrela do Norte. Fala o tempo inteiro até a casa de Dulce, quer lhe contar tudo que aconteceu, todas as dúvidas e suspeitas que surgiram em sua mente ao longo da semana, mas não recebe nenhuma resposta. Vinte minutos depois, eles chegam à casa dela, e ela lhe deixa entrar em seu mundo.

Tudo era claro e reto. Não havia muito onde sentar, além da mesa com quatro cadeiras, algumas esteiras e almofadas no chão. Não havia também quadros nas paredes, nem bibelôs ou qualquer enfeite. Apenas um guardanapo branco no centro da mesa, algumas flores amarelas, um cesto de frutas no canto.

[...]

Dulce Veiga entrou pela cozinha, abriu a porta que dava para o pátio. Um cachorro entrou na sala em disparada, parou na minha frente, começou a me lambe as mãos. Era grande, manso, desajeitado. Ouvi a voz dela, rindo:

– Esse é o Dick Farney, não se assuste se ele ficar meio carente. – Ela espiou na porta, alguma coisa nas mãos: – Gosto de dar a eles nomes de cantores. Você devia ter conhecido a Elizeth, era uma gatinha linda, parecia gente. Morreu de parto na última lua cheia, deixou quatro gatinhos. Eu chamei de Elis, Raul, Nara e Cazuzza. Me dá o Cazuzza, tive vontade de pedir. Mas quase não conseguia falar, estendi mais o corpo na almofada. (ABREU, 2007, p. 198)

Ela lhe dá um chá e lhe faz uma massagem, ele precisa relaxar, está tenso, há muito tempo está tenso. Então, ele se deixa cuidar.

[...] eu precisava saber por que, afinal, ela desaparecera, e muitas outras coisas, talvez feias, sujas, loucas, eu precisava saber, e não sei se perguntei realmente ou apenas pensei em perguntar, para interromper aqueles outros pensamentos que não iam embora, como se eu fosse ser assassinado no próximo segundo, e eu estava sendo, mas de um outro jeito, apenas de certa forma, docemente, pensei, docemente Dulce. (ABREU, 2007, p. 199)

Aí começa, para o jornalista, o surgimento de um novo eu, um eu que não é o que ele vinha sendo, este estava sendo assassinado pelas mãos da cantora. Após dormir um pouco, na madrugada de domingo, o jornalista desperta e procura Dulce para dizer-lhe que é seu aniversário. Sem encontrá-la, acaba achando as cartas que Márcia mandava para ela, mas ele não quer saber delas. Vendo a porta para o jardim aberta, ele sai atrás de Veiga e a encontra, sentada perto da estrada, tocando violão. Ele senta ao lado dela, se demora mais olhando a lua e, depois de muito tempo, desde sua infância, consegue enxergar, nela, São Jorge (ou seria ele

mesmo?) matando o dragão. Dulce e o jornalista ficam a noite inteira acordados, misturados à natureza, com o céu sobre suas cabeças. Ele parece, finalmente, estar inteiro, estar presente. Dulce não quer voltar a São Paulo, diz que é feliz onde está, fazendo o que gosta. Pela manhã, ela lhe dá, sem ele esperar, o gatinho Cazuzza de presente de aniversário. Os dois se despedem e fica acordado que o jornalista falará o que quiser sobre ela. Depois de caminhar até a beira da estrada com o gato na mão e a mochila nas costas, ele vira para trás, vê Dulce uma última vez e vai embora cantando.

Apesar de muitos encontros, apenas o último daria fim à viagem, principalmente à que ele fez pelas pessoas, que, segundo o próprio Caio Fernando Abreu, em carta à Maria Lídia Magliani, seriam os alteregos do jornalista, as partes dele mesmo projetadas externamente. Se cada um dos personagens for relacionado com características do cara do jornal, fica muito mais fácil de enxergar que parte cada um representa: Patrícia é a astrologia, a influência de Virgínia Woolf; Márcia, a itinerância de lares, o perder-se nas viagens e nas drogas, a doença; Alberto Veiga é o teatro e a homoafetividade; Rafic, a extravagância; Saul, a loucura do amor perdido, do sempre quase, do vício; e Dulce Veiga representa o ideal de pessoa e de vida, a simplicidade, o fazer sua própria arte que o jornalista/escritor tanto procura. A partir disso, entende-se que se ele não passasse por todas elas antes de encontrar Dulce e não as conhecesse, sempre se desconheceria. Era preciso “desfragmentar” as outras partes do “disco” para chegar em uma coisa inteira, ou seja, ele mesmo.

FIM DE VIAGEM: O ENCONTRO DE SI

Segundo explica Romano, John Urry considera o retorno o momento de reintegrar-se ao local de origem, refletir sobre tudo, compreender a viagem e relatá-la. Para a Antropologia Filosófica, refletir, interrogar-se é o meio de chegar a si mesmo. Jack volta, em *On the Road*, quatro vezes para casa. Em seu primeiro retorno, encontra uma Nova Iorque à qual não estava mais acostumado, ou que seus olhos antes não eram conscientes e, agora, são.

Tinha viajado doze mil quilômetros pelo continente americano e estava de volta à Times Square; e ainda por cima bem na hora do rush, observando com os meus inocentes olhos de estradeiro a loucura completa e o zunido fantástico de Nova York com seus milhões e milhões de habitantes atropelando uns aos outros sem cessar em troca de uns tostões... pegando, agarrando, entregando, suspirando, morrendo, e assim poderiam ser enterrados naquelas horrendas cidades-cemitério que ficam além de Long Island. As elevadas torres da nação... o outro limite do país... o lugar onde

nasceu a América das Notas Promissórias. (KEROUAC, 2007, p. 240)

Após um breve reconhecimento da velha nova cidade e de perceber que seu olhar sobre ela não é mais o mesmo, Kerouac quer encontrar todo mundo, voltar a fazer parte. Apesar da urgência, sabe que precisa, primeiro, refletir sobre tudo que viveu.

Por onde andava Hunkey? Vasculhei a Square atrás de Hunkey; ele não estava lá, estava atrás das grades em Riker's Island. Onde estava Neal? – e Bill? onde estava todo mundo? Onde é que estava a vida? Eu tinha minha casa para ir, meu lugar para descansar a cabeça e calcular as perdas que havia sofrido e contabilizar o ganho que sabia estar também em algum lugar. (KEROUAC, 2007, p. 241)

É interessante notar que, mesmo havendo a possibilidade de serem positivas, Jack sabe que sofreu perdas, mas não tem certeza dos ganhos, portanto é absolutamente necessário parar e compreender toda aquela ida ao Oeste atrás de Neal Cassidy, o romance de duas semanas com Beatrice, o trajeto conturbado da volta. Mas, como demonstrado anteriormente, em alguns momentos em que esteve sozinho durante a viagem, mesmo em busca de outra pessoa, ele deu de cara com o outro, um outro clandestino, o estranho que era ele mesmo, e soube que não era mais o Jack que saiu de Nova Iorque em julho de 1947. Somente consciente disso é que poderia notar que houve perdas e ganhos. No seu segundo retorno de uma viagem na qual não foi atrás de Neal porque estão viajando juntos, Kerouac começa a chegar à conclusão de que tudo que ele, Cassidy e todo mundo quer é descobrir a verdadeira essência das coisas e vivê-las intensamente. Se descobre um romântico, um homem que em todo lugar procura uma mulher que lhe responda a eterna pergunta sobre o que ela quer da vida, a mulher perfeita para casar, formar uma família e descansar seu inquieto espírito. Ele percebe que, por mais que ela a chame, não poderá estar para sempre na estrada. Um dia haverá de sossegar e ter uma vida católica tradicional, mas, ao mesmo tempo, não acredita que será possível encontrar quem procura porque todos estão procurando e também não conseguem achar. De qualquer forma, a eterna espera de “algum tipo de magia no final da estrada” (KEROUAC, 2007, p. 267) sempre estará lá.

Durante esta segunda viagem, mesmo acompanhado por Neal, Louanne e Al Hinkle, Jack ainda teve tempo de se interrogar acerca do que estava fazendo, para onde estava indo.

Muitas dessas indagações surgiram das mesmas perguntas feitas a ele (ou a eles) por Allen Ginsberg, Bill Burroughs, Alan Harrington e Justin W. Brierly. A verdade é que o retorno dessa segunda viagem foi repleto de desilusões e desamparo, e Jack percebe que não tem a menor ideia do que realizou nesse tempo. Na terceira viagem, as reflexões em torno de tudo isso e do que queria para a sua vida se tornaram tão fortes, principalmente quando Neal não esteve por perto ou estava fora do ar, que Kerouac chegou a perguntar as mesmas questões para mais de uma pessoa que passara em seu caminho, como a moça bonita do interior que conheceu em um ônibus quando ele e Cassidy estão indo para Nova Iorque. Não dá para saber se Jack as faz todas para a garota, ou a si mesmo, ou para qualquer um que possa responder, mas é certo que, mesmo perguntando para todas as mulheres que encontra o que elas querem da vida, ou o que realmente gostariam de fazer nas noites de verão, nem mesmo ele sabe responder, e isso lhe deixa cada vez mais inquieto.

Em seu terceiro retorno, com poucas respostas às suas muitas perguntas, percebe que passou a cruzar a América de um lado para o outro como se fosse um caixeiro-viajante, cujas viagens são atribuladas, os produtos não são da melhor qualidade e, para os quais, quase nunca há compradores (cf. KEROUAC, 2007). Na quarta viagem, Jack saiu para a estrada sozinho, e, chegando a São Francisco, parecendo querer reparar a imagem de caixeiro-viajante passando de um lugar para outro sem ver nada direito, tira um tempo (o seu tempo) para aproveitar a cidade do jeito que ela merece, do jeito que ele merece. Quando Neal chega para acompanhá-lo ao México, o ritmo muda, o que sempre faz Kerouac perder o controle de si mesmo, mas, desta vez, ele fica doente, o corpo não aguenta. Ao voltar para Nova Iorque, sozinho e cansado da peregrinação, decide que é hora de sossegar e acaba encontrando, por acaso, a mulher que tanto procurava, casando-se com ela cinco dias depois de conhecê-la. No fim, as principais conclusões que Jack chega sobre si mesmo é que sua vida é a estrada, que não tem a menor noção de comprometimento porque tem medo de intimidade e que gosta de muitas coisas e corre em direção a todas elas e se confunde, portanto não tem “nada a oferecer a ninguém a não ser minha própria confusão”(Id., 2007, p. 259).

Já em *Onde andaré Dulce Veiga?*, o retorno do jornalista a São Paulo não é mostrado, mas não precisa. A sua transformação é nítida no final de sua viagem. O cara do jornal, ao terminar sua busca pelo outro que era Dulce Veiga, quando se deixa levar pelo estranhamento do ambiente de Estrela do Norte até o ponto de nada mais ser estranho, acaba encontrando um eu inteiro que há muito vivia fragmentado, fragmentação essa representada pelas diversas

peessoas que encontra durante sua procura. Sempre atrás de amor e pertencimento, lá, ele não se sente mais estrangeiro (ou falso brasileiro), mas, sim, integrado, presente. Pela primeira vez em muito tempo, sabia que estava onde devia estar.

Encadeadas, cronológicas, como *slides* ou fotogramas, alguns coloridos, outros preto-e-branco, quadros vivos – assim a minha vida passava em frente dos meus olhos, dia após dia, uma por uma de todas as cenas daquela última semana. Tudo lógico, natural, uma cena gerava outra e outra e unidas me conduziam até exatamente aquele lugar onde eu estava.

Eu estava ali, onde eu devia estar. Inteiro. Como uma gota de mercúrio. (ABREU, 2007, p. 206)

Além disso, também encontra um sentido para a vida quando ganha o gatinho Cazuzza (com o qual aprenderá a arte de cuidar) e quando vai embora cantando. A metáfora do cantar como aquilo que dá sentido à existência permeia todo o romance e aparece em mais de um personagem, desde Dulce, à Márcia e ao jornalista, e não importa se você desafina. A busca é pela simples possibilidade de fazer o que se gosta e de ser quem se é. É interessante como que, ao longo da história, o protagonista vai fazendo pequenas descobertas sobre o mistério por trás do desaparecimento de Veiga ao mesmo tempo que descobre sobre tudo ao seu redor e sobre si mesmo. Ele tem a consciência de que, mesmo atrás da cantora, procura também outra coisa, uma coisa à qual Caio Fernando Abreu deu, em sua carta à Maria Lídia Magliani, o nome de *anima*, também chamada de alma, aquilo que, segundo Sócrates, é a parte mais importante do corpo e que dá movimento ao que é vivo (MELO & NEVES, 2011), e é devido ao encontro com essa coisa que a vida do jornalista volta a movimentar-se, e ele pode, finalmente, ser quem é, e, ainda por cima, inteiro.

Ao viajar, principalmente sozinhos, milhares de viajantes pelo mundo mostram a si mesmos do que são capazes e, muitas vezes, surpreendem-se. A surpresa vem da total falta de conhecimento de si mesmo. Sempre em busca de algo ou de alguém ou de fazer alguma coisa, se jogam no desconhecido da estrada e, durante o trajeto, ou no seu retorno, encontram um eu que nunca tinham visto e que sabem que não será como antes. O mais magnífico é que, depois de algumas viagens, esses andarilhos descobrem que, cada vez, qualquer que seja o motivo que lhes tenha feito partir, quando voltarem, sempre serão outros, e outros, e outros, nunca iguais, e é isso que faz todo o ato de viajar e toda a sua existência terem sentido. Para aqueles

de olhar atento e caminhar vagaroso, muito se aprende em uma viagem, muito se vive e não se deixa nada passar despercebido, nem lugares, nem momentos, nem pessoas. Quem tem pressa, acha que vê, acha que sente, acha que vive. Quem tem pressa, não (se) interroga, não reflete e não compreende. A Antropologia Filosófica diz que refletir é “a maneira pela qual sair de si e entrar em si são uma mesma coisa” (CARRO, 2007, p. 1) e que, sem esse movimento, é impossível se conhecer para, assim, ser capaz de conhecer a essência das coisas do mundo. Mesmo com uma vida e viagens atribuladas e passando a maior parte de seus anos de estrada sempre atrás de alguém ou de si mesmo, Jack Kerouac foi se encontrando aos poucos. A cada viagem, um outro Jack. Mesmo com uma enorme confusão dentro de si e uma vontade de viver e fazer tudo ao mesmo tempo, mas incapaz disso, e sempre atrás dos loucos que queimam como fogos de artifício, ele aprende muito em suas peregrinações de andarilho-caroneiro, como apreciar uma boa torta de maçã com sorvete, entreter um motorista que lhe deu carona, estar sempre aberto a amizades, praticar o desapego e apreciar as noites de céus estupidamente estrelados, mas aprende, principalmente, que há uma estrada para qualquer pessoa onde quer que ela esteja, que não há nada a fazer a não ser ir a todos os lugares e que, se ele não aprender a apreciar o Rei Banana (metáfora acerca das pessoas invisíveis do dia a dia), “nunca saberá absolutamente nada sobre as coisas genuinamente humanas deste mundo” (KEROUAC, 2007, p. 199). Através dessas lições é que ele vai formando os seus novos eus. Se autoconhecer, como disse Sócrates, é, e deve ser, um processo. Por igual trajetória, porém bem mais curta no livro, mas longa segundo os dados que temos de seu passado, também passa o jornalista de Caio Fernando Abreu, que em uma busca excessiva de amor e de pertencimento, de um sentido para a sua existência, esqueceu-se de que primeiro precisava se conhecer, se compreender, achar dentro dele o que lhe movia. Atrás de Dulce, que também passou pelo mesmo processo, se encontra, se compreende, se acha lindo, e o que resta é cantar.

Referências

1950s, United States in the. Encyclopedia Wikipedia. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/United_States_in_the_1950s>. Acesso em: 29 de setembro de 2014.

ABREU, Caio Fernando. *Onde andar Dulce Veiga?: um romance B. Agir*, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Documentos/ABREU*2c+Caio+Fernando>.

+Onde+Andar*c3*a1+Dulce+Veiga%282%29,50832286.pdf>. Acessado em 08 de dezembro de 2014.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na era da reprodutibilidade técnica*. 1955. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2014.

BIVAR, Antonio, *Jack Kerouac – O Rei dos Beatniks*. Brasiliense, São Paulo, 2004.

CALLEGARI, Jeanne, *Caio Fernando Abreu – Inventário de um Escritor Irremediável*. Seoman, São Paulo, 2008.

CARRO, Jose Antonio. *Antropologia Filosófica*. Ebah, 2007. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgS4gAB/antropologia-filosofica>>. Acesso em: 25 de novembro de 2014.

GOMES, Gínia Maria. *Nota Prévia*. Revista Organon, Porto Alegre, v. 17, nº 34, 2003.

KEROUAC, Jack. *On the Road: o manuscrito original*. L&PM, Porto Alegre, 2012.

MARANGONI, Gilberto. Ano 1980, década perdida ou ganha?. Revista Desafios do Desenvolvimento, 2012, São Paulo. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2759:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.

MEIRELLES, Cecília. *Crônicas de Viagem 2*, 1999a, apud MELLO, Ana Maria Lisboa de. *A arte de viajar na poesia de Cecília Meirelles*. Revista Organon, Porto Alegre, v. 17, nº 34, p. 181-191, 2003.

MELLO & NAVES, Luiz Fernando Bandeira e Gilzane Silva. *ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DO SER: Reflexões sobre os pensamentos de Sócrates e Heidegger*. Revista da Católica, Uberlândia, v. 3, nº 5, 2011. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo12.pdf>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2014.

MMAX, Silvio. *O que é antropologia? O que é cultura?*. 2013. Disponível em: <<http://oficina-de-filosofia.blogspot.com.br/2013/08/a-antropologia-e-uma-ciencia-especifica.html>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2014.

MURTINHEIRA, Alcides. *Séculos XVI a XIII: Historiografia e literatura de viagens*. Centro de Língua Portuguesa, Hamburgo, Alemanha. Disponível em: <<http://www.clpic.uni-hamburg.de/pt/portugal-land-und-kultur/literatur/histria-da-literaturaliteraturgeschichte/sculos-xvi-a-xiii-historiografia-e-literatura-de-viagens16-bis-18-jahrhundert-geschichtsschreibung-und-reiseliteratur/>>. Acesso em: 12 de novembro de 2014.

NARRATIVES, Travel. World History Sources. Disponível em: <://chnm.gmu.edu/worldhistorysources/unpacking/travelaccts_html>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.

ROMANO, Luis Antônio Contatori. *Viagens e Viajantes: uma Literatura de Viagens contemporânea*. Revista Estação Literária, Londrina, 2013. Disponível em: <<://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art3.pdf>>. Acesso em: 27 de novembro de 2014.

SECO, Ana Paula. *Livros de viagens ou literatura de viagem*. Faculdade de Educação Unicamp. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_livros_de_viagens_ou_literatura_de_viagem.htm>. Acesso em: 13 de novembro de 2014.

STAFF, History.com. *The 1950s*. History.com, 2010. Disponível em: <<http://www.history.com/topics/1950s>>. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

TEAM, Shmoop Editorial. *Society in The 1950s*. Shmoop.com, 2008. Disponível em: <<http://www.shmoop.com/1950s/society.html>>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

WADELL, Eric. “Sangue no Tanoa”... ou o apelo do grande oceano. Revista Organon, Porto Alegre, v. 17, nº 34, p. 53-74, 2003.